



FORA  
DO TEMPO  
DAVID  
GROSSMAN

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [lelivros.love](http://lelivros.love) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

***"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."***



DAVID GROSSMAN

# Fora do tempo

*Tradução*  
Paulo Geiger



COMPANHIA DAS LETRAS

# Nota do tradutor

O hebraico é uma língua sintética e de palavras curtas, a maioria oxítona, muitas paroxítonas, quase nenhuma proparoxítona. Certas declinações nominais (a de posse, por exemplo, numa fusão dos pronomes possessivos com o substantivo ou adjetivo), assim como declinações de objeto direto ou indireto, e também as vozes verbais (que são sete), têm formas sintéticas que se reduzem a uma só palavra. Flexões de plural e de gênero têm, quase sempre, a mesma construção, com desinências fixas, e são quase sempre oxítonas. Muitíssimas formas nominais (substantivos e adjetivos) seguem determinados padrões de combinação das consoantes do radical com as vogais que lhes são intercaladas (e que raramente aparecem na escrita cotidiana e na literária em prosa). Disso e de outros aspectos resulta que o texto hebraico é composto de frases consideravelmente breves e marcadas por ressonâncias, “batidas”, ecos muito frequentes, mas que decorrem “naturalmente” da sintaxe, da gramática e do vocabulário da língua.

A fala de determinados personagens de *Fora do tempo* é uma prosa dramática, marcada graficamente pela quebra de linhas. Em acréscimo, há a mescla de estilos, gêneros de discurso e registros de uso (coloquialismos, formalismos, biblicismos etc.), o que por vezes confere ao texto uma estranheza muito própria, como que ressaltando uma (aparência de) pouca elaboração ou depuração de linguagem. Esses elementos estão longe de ser irrelevantes nesse texto moderno que tem evocações do ambiente e do drama medievais, escrito num hebraico “duro”, sem a profundidade histórica da continuidade literária entre o bíblico e o contemporâneo (não existe um hebraico medieval recuperável).

O espírito da tradução foi de tentar preservar a carga dramática do texto e ao mesmo tempo buscar aproximações ao *modo como soam* as frases hebraicas — considerando-se que o português é uma língua muito menos “seca” e sintética, tendendo a soar mais fluente e nuançada.

Como tradutor, muitas vezes não procurei criar ressonâncias onde o texto hebraico contém ressonâncias “naturais” de uma (digamos assim) prosa escandida; por outro lado, introduzi ressonâncias “forçadas” — não rimas — em trechos que parecem ser nitidamente de prosa, às vezes com o sacrifício de coerências entre, por exemplo, formas de tratamento pessoal, alternando entre segunda e terceira pessoas. O objetivo foi recriar em português uma mescla linguística equivalente à do original hebraico, entre o rude e o sublime, entre o prosaico e o (pseudo)poético, que faz ecoar e ressoar vigorosamente o roteiro dramático.

*Paulo Geiger*

ANOTADOR DOS ANAIS DA CIDADE: Na hora em que estão sentados à mesa do jantar, o rosto do homem de repente se transforma: num movimento brusco ele empurra o prato a sua frente. Facas e garfos tilintam. Ele se levanta e fica de pé, e parece não saber onde está. A mulher se sobressalta em sua cadeira. O olhar dele paira em volta dela e não se fixa, e ela — já a atingira uma vez a desgraça — sente de imediato, eis aí outra vez, já toca em mim, seus dedos frios em meus lábios. Mas o que aconteceu? Ela sussurra com os olhos, e o homem olha para ela com espanto —

— Eu preciso ir.

— Para onde?

— Para ele.

— Para onde?

— Para ele, para lá.

— Para o lugar onde aconteceu?

— Não, não. Para lá.

— O que é lá?

— Não sei.

— Você está me assustando.

— Para vê-lo só mais um instante.

— Mas o que vai ver agora? O que restou para ver?

— Talvez lá se possa ver? Talvez até falar com ele?

— Falar?!

ANOTADOR DOS ANAIS DA CIDADE: E agora os dois se dão conta. Despertam.

— A sua voz, mulher.

— Ela voltou. A sua também.

— Tive tanta saudade da sua voz.

— Pensei que nós... que jamais, nunca mais —

— Mais do que da *minha* voz, tive saudade da sua.

— Mas o que é *lá*, pode me dizer? Não há um lugar assim, não existe lá!

— Se vão para lá, *lá* existe.

— E não voltam de lá, ninguém voltou ainda.

— Porque só mortos foram para lá.

— E você, como irá?

— Eu irei para lá vivo.

— E não vai voltar.

— Talvez ele espere que vamos até ele.

— Ele não. Já faz cinco anos que ele é só não e não.

— Talvez ele não compreenda como desistimos dele assim, tão depressa, no momento em que nos comunicaram...

— Olhe para mim. Nos meus olhos. O que está fazendo conosco? Sou eu, você vê? Somos nós, nós dois. Esta é nossa casa. A cozinha. Vem, sente aqui. Vou servir a sopa.

HOMEM:

É bela —

tão bela —

é bela

a cozinha

nesta hora dela

quando você serve a sopa

e aqui é quente e ameno, e o vapor

cobre a vidraça fria

da janela —

ANOTADOR DOS ANAIS DA CIDADE: Talvez por causa dos anos de longo silêncio, sua voz é rouca, extingue-se num murmúrio. Ele não tira dela os olhos. Ele a olha tanto que a mão dela começa a tremer.

HOMEM:

E mais belos que tudo seus braços,

redondos, macios,

a vida está aqui,

querida,

por um momento esqueci:

a vida está no lugar

em que você

serve a sopa

sob o círculo de luz.

Bom ter lembrado:

estamos aqui

e ele lá,

e há uma fronteira eterna

entre aqui

e lá.

Por um momento esqueci —

estamos aqui

e ele —  
*mas não é possível*  
*mais é impossível!*

MULHER:

Olhe para mim. Não,  
não com esse olhar  
vazio,  
contido.  
Volte para mim, para nós,  
volte. Fácil,  
tão fácil renegar  
a nós, o círculo  
de luz, esses  
braços macios,  
a ideia de que voltamos  
à vida,  
e de que o tempo  
apesar de tudo  
põe curativos  
finos —

HOMEM:

Não, não é possível mais  
assim,  
não é possível mais  
que nós,  
que o sol,  
que os relógios, as lojas, os bares,  
que a lua,  
os casais, os pares,  
que árvores nas aleias  
verdejantes, que sangue  
nas veias,  
que primavera e outono,  
que gente  
inocente  
existente  
no mundo.  
Que filhos

dos outros,  
que sua luz  
e calor —

MULHER:  
Cuidado,  
você tem ideias  
tão frágeis  
como teias —

HOMEM:  
À noite eles chegaram  
trazendo na boca  
a nova.  
Longo caminho fizeram,  
graves, calados,  
e talvez durante  
provavam, lambiam  
a nova, furtivamente.  
Num espanto de crianças  
constataram que se pode reter  
a morte na boca como  
uma bala  
de veneno, à qual eles por milagre  
são imunes.  
Abrimos para eles a porta,  
esta aí, aqui estávamos,  
você e eu,  
ombro a ombro,  
e eles  
no umbral  
e nós  
diante deles  
e eles  
piedosamente  
contidos  
e silenciosos  
ali de pé  
sopraram em nós  
o vento

dos mortos.

MULHER:

Era um silêncio terrível.  
Em volta triturava um fogo  
frio. Eu disse:  
esta noite viriam,  
senti-o. Pensei:  
venha, o caos, o vazio.

HOMEM:

De algures, de longe,  
ouvi você dizer:  
não temam,  
quando ele nasceu  
não gritei, tampouco agora  
gritarei.

MULHER:

Nossa vida de antes  
continuou  
a brotar em nós  
uns minutos mais.  
A fala,  
os gestos,  
expressões faciais —

HOMEM E MULHER:

Agora  
num instante, não mais,  
afundamos  
os dois. Calamos  
com palavras iguais.  
Não por ele  
choramos,  
o canto da vida  
antes vivida  
choramos, o admiravelmente  
simples, a  
leveza, o

rosto  
liso e  
sem rugas.

MULHER:

Mas nos prometemos,  
juramos,  
ser, sofrer  
por ele, ter saudades  
e viver.

E agora, espere,  
o que houve, de repente,  
para que você assim  
se dilacere?

HOMEM:

Depois daquela noite  
veio um estranho e segurou  
meu ombro e falou: salve  
o que restou.

Lute,  
tente curar.  
Olhe nos olhos  
dela, grude  
nos olhos dela,  
todo o tempo  
nos olhos dela —  
sem descurar.

MULHER:

Não volte para lá,  
àqueles dias não deve  
voltar mais,  
não volte seu olhar  
para trás —

HOMEM:

Naquele escuro eu vi  
a minha frente um olho  
choroso

e um olho  
enlouquecido.  
O olho de um homem  
terminal  
e o olho  
de um animal.  
Animal já metade  
na boca da fera,  
uma presa desangrando,  
desvairando,  
de teus olhos me encarava —

MULHER:

A terra  
abriu sua boca,  
a nós engoliu  
e vomitou.  
Não volte  
para lá, para  
o que o seduz,  
não saia  
um passo sequer  
do círculo de luz —

HOMEM:

Não pude, não  
ousei olhar  
então seu olhar,  
aquele olho  
enlouquecido,  
de você não estar —

MULHER:

Não vi você,  
não vi  
nada  
nem no olho do homem  
nem no olho  
do animal. A raiz  
de minh'alma arrancada

num calafrio.

Frio, fazia muito frio

também agora

faz frio.

Venha dormir,

o agora é tardio.

HOMEM:

Cinco anos

calamos

aquela noite.

Sumiu você primeiro,

depois sumi eu.

Em você foi bom

o silêncio, e em mim

me apertou

a garganta. E uma

após outra morreram

as palavras, e ficamos

como uma casa

em que lentamente se apagam

todas as luzes,

até que se fez

a escuridão da mudez —

MULHER:

E nela

de novo o achei,

e a ele. Envolveu

nosso trio

um manto sombrio,

enrolados nele estávamos

com ele, e mudos estávamos

como ele. Três

fetos que a tragédia

concebeu —

HOMEM:

E juntos

nascemos

no outro lado,  
sem  
palavras, sem  
cores, e aprendemos  
a viver  
o negativo  
da vida

(silêncio)

MULHER:

Olhe,  
de palavra em palavra  
o algo secreto entre nós  
se esgarça, se dissolve  
como um sonho  
que a luz de um luzeiro  
ilumina. Pois havia no calar  
um milagre,  
e um segredo no silêncio  
que nos trouxe, junto com ele,  
em que ficamos sem voz  
como ele, em que falamos  
na língua dele.  
E o que têm as palavras —  
o que tem a sorte  
das palavras  
a ver com sua morte?

ANOTADOR DOS ANAIS DA CIDADE: No silêncio que cai depois do grito dela o homem recua até suas costas tocarem a parede. Em movimentos lentos, como a dormir, ele estende os dois braços para os lados e caminha ao longo da parede. Contorna a pequena cozinha, em toda a sua volta —

HOMEM:

Conte,  
me conte  
de nós  
naquela noite —

MULHER:

Sinto aqui algum  
segredo: você rasga  
as ataduras para  
poder beber  
o seu sangue, ração  
no caminho  
*para lá.*

HOMEM:

Aquela noite,  
me conte  
de nós  
na noite  
aquela —

MULHER:

Você  
me  
rodeia como  
um predador. Me cerca  
como um pesadelo.  
Aquela  
noite, a noite  
aquela.  
Você quer ouvir sobre  
aquela noite.  
Nestas cadeiras sentamos,  
você sentou  
aí, eu aqui. E você  
fumou, eu me lembro  
do seu rosto vindo  
e indo na fumaça, e lentamente  
ficando um pouco  
menos, menos  
você, menos  
gente.

HOMEM:

Calados  
aguardamos a manhã.

Manhã

não

veio.

O sangue

não correu

na veia.

Levantei, a envolvi

num cobertor,

você tomou minha mão, olhou

direto nos olhos meus,

o homem

e a mulher

que éramos

com a cabeça acenaram

o adeus.

MULHER:

Um *não*

soprou sombrio

e frio

das paredes

e enfeixou meu corpo

e fechou e trancou

meu útero. Pensei:

estão lacrando

a casa

que uma vez

foi

eu.

HOMEM:

Fale, conte-me

mais, o que

dissemos, quem falou

primeiro? Estava

muito quieto,

não estava? E a respiração,

eu me lembro.

E suas mãos se

contorcendo, uma

na outra, e fora isso  
tudo  
se apagou.

MULHER:

Um fogo frio  
e quieto  
consumiu em volta.  
O mundo de fora encolheu,  
suspirou, se apoucou  
e se foi, até restar o pontual,  
minimal,  
negral,  
terminal.  
Pensei — é preciso  
daqui fugir.  
Mas sabia — já não há  
para onde ir.

HOMEM:

O momento  
em que isso  
aconteceu,  
em que isso  
veio a ser um fato —

MULHER:

Num instante nos lançaram  
numa terra inóspita.  
Vieram na noite, bateram à nossa porta,  
disseram: na hora tal e tal  
no lugar tal e tal, vosso filho,  
assim e assim.  
Depressa, depressa teceram  
uma rede compacta, hora  
e minuto e lugar exato,  
e a rede tinha um rasgo, você  
compreende? Na rede  
compacta tinha,  
parece, um rasgo

e nosso filho  
caiu  
no abismo —

ANOTADOR DOS ANAIS DA CIDADE: E quando ela diz essas coisas, ele para de andar em volta dela. Ela olha para ele com olhos opacos. Com os braços caídos, perdido, ele fica diante dela, como se nesse momento o tivesse atingido uma flecha disparada há muito tempo.

MULHER:

Voltarei  
um dia  
a vê-lo como  
você é, e não como  
ele não é?

HOMEM:

Posso lembrar  
de você sem  
ele não estar — o teu sorriso, inocente  
e otimista — de mim também,  
sem ele não estar, eu posso  
lembrar. Mas dele,  
que estranho:  
dele, sem a ausência dele, não posso  
mais lembrar. E quanto mais  
se alonga o tempo,  
mais parece que  
quando ele ainda estava  
já se exumava dele  
seu não estar —

MULHER:

E às vezes, saiba você,  
tenho saudade  
daquela mulher desvairada  
e seu olho injetado de sangue  
às vezes acredito nela  
mais do que  
acredito em mim.

HOMEM:

Por causa dela eu ponho  
minha alma  
em suas mãos e lhe faço  
uma pergunta  
que eu mesmo  
não entendo:  
Você irá comigo?  
Para lá,  
para ele?

MULHER:

Naquela noite pensei,  
agora vamos nos separar. Juntos não mais  
poderemos estar. Quando eu lhe disser  
sim,  
você abraçará o não,  
a ausência dele  
você vai abraçar —

HOMEM:

Como chegarmos, pensei  
naquela noite,  
como chegar-nos um ao outro?  
Quando eu a beijar  
cortarão minha língua  
os cacos de vidro  
do nome dele  
em sua boca —

MULHER:

Como olhar em meus olhos  
se ele está lá  
primal como um feto  
no negror  
da pupila?  
Todo olhar, todo  
toque serão  
cutiladas. Como amar,  
pensei naquela noite,

como amaremos  
se a ele  
num grande amor  
concebemos?

HOMEM:

O instante  
em que isso  
aconteceu —

MULHER:

Aconteceu? Olhe  
para mim, diga:  
isso aconteceu?

HOMEM:

E isso  
se avoluma,  
sobe,  
exuberava, um poço  
que não tem  
fim. E eu  
já sei — enquanto  
me restar um alento,  
desse poço  
beberei e sangrarei  
a treva  
desse  
momento.

MULHER:

Uma solidão  
sem igual  
decreta o luto  
ao vivo,  
como a solidão com que  
a doença  
envolve  
o sofrido —

HOMEM:

Mas na solidão  
esta, em que  
a alma como que  
se separa do corpo —  
eu quase  
me dilacero  
de mim, lá  
não estou mais  
só, só  
não estou  
mais,  
*desde então* —  
e lá não  
sou um  
só, e nunca  
serei um  
só —

MULHER:

Lá eu toco nele  
no interior dele  
bem no fundo  
como nunca  
toquei nem  
por um segundo  
em homem algum  
no mundo —

HOMEM:

E ele,  
ele toca em mim  
de lá também  
e com toques tais  
não tocou ninguém  
em mim  
jamais —

(silêncio)

MULHER:

E se lugar assim houvesse  
como *lá*,  
e lugar assim não há,  
você sabe — mas se  
houvesse,  
para lá já iria  
um entre todos,  
se levantaria  
para ir. E quanto  
mais longe você for,  
como saberá voltar,  
e se não voltar,  
e se não achar,  
e não vai achar  
porque não há,  
e se  
achar, já  
não vai voltar,  
não o deixarão  
voltar,  
e se voltar,  
como vai voltar, talvez  
volte tão  
outro  
que não  
estará de volta,  
e quanto a mim,  
como ficarei se você  
não voltar,  
ou se voltar  
tão outro, que não estará  
de volta?

ANOTADOR DOS ANAIS DA CIDADE: Ela se levanta e se abraça a ele. Suas mãos percorrem agitadas o seu corpo. Sua boca tateia e busca o seu rosto, seus olhos, seus lábios. De onde estou, nas sombras do lado de fora de sua janela, é como se ela se jogasse como um cobertor para abafar um incêndio —

MULHER:

Naquela noite pensei,

já não nos separaremos  
jamais.  
E mesmo se quiséssemos,  
como poderíamos?  
Quem iria mantê-lo, quem  
o abraçaria  
se nós dois  
com nossos corpos  
não envolvêssemos  
sua plenitude  
vazia?

HOMEM:

Venha, o que  
é mais simples do que isso? Sem  
pesar e cismar  
e pensar: a mãe  
e o pai dele  
se levantam  
e vão  
até ele —

MULHER:

Em que olhos olharemos para vê-lo  
dobrado no negror  
da pupila,  
estando lá  
mas distante?  
Com a mão de quem  
trançaremos os dedos  
para tecê-lo  
em nossa carne  
um instante?  
Não vá.

HOMEM:

Os olhos,  
um só fulgor  
de seus olhos —  
como é possível, como

é admissível não  
tentar?

MULHER:

E o que vai lhe dizer, infeliz,  
insano, o que  
vai lhe dizer? Que algumas horas  
depois dele veio-nos  
a fome?

Que o teu corpo  
e o meu como dois  
carrapatos se agarraram  
à vida e grudaram  
um no outro e nos  
obrigaram a viver?

HOMEM:

Se estivermos com ele  
mais um instante,  
talvez ele também  
esteja  
por mais  
um instante,  
num olhar —  
respirar —

MULHER:

E o quê, após?  
O que será  
dele?  
E o quê, de nós?

HOMEM:

De nós, um coração quebrado,  
talvez morramos como ele, num instante,  
ou fiquemos penderes  
a sua frente, balançando  
entre os mortos  
e os viventes —  
há cinco anos cientes

do cadafalso da saudade  
que eu sinto e tu sentes —

(silêncio)

HOMEM:

O cheiro que exala  
seu corpo, mulher,  
em sua dor  
quando de súbito  
mergulha  
e rapina  
o amargo odor,  
do qual sempre me vem  
o cheiro dele também.

MULHER:

Seus cheiros —  
o doce, o picante,  
o azedo.  
Seu cabelo esvoaçante  
sua carne odorante  
do corpo o tempero  
simples, bastante —

HOMEM:

Como suava depois de jogar,  
você lembra?  
Todo ele ardente, a exultar —

MULHER:

Ah, tinha cheiros para cada estação,  
cheiros de terra nos passeios do outono  
e cheiro de chuva emanando do suéter  
de lã,  
e na primavera vocês dois labutavam no campo,  
e o cheiro do suor do trabalho,  
vapor de homens obreiros,  
enchia a casa inteira.

HOMEM:

Mas eu gostava mais do verão,  
com os aromas do pêssego  
e da ameixa  
quando o sumo lhe escorria no rosto —

MULHER:

E ao voltar da fogueira com amigos,  
exalava a noite e a fumaça  
em seu hálito —

HOMEM:

Ou quando voltava da praia  
com cheiro de sal  
nos cabelos —

MULHER:

E na pele.  
E o cheiro de seu cobertor de bebê  
e o cheiro de suas fraldas  
quando sugava o leite,  
e parece que só  
um minuto  
depois —

HOMEM:

— seus lençóis de rapaz  
apaixonado...

MULHER:

Às vezes, quando estamos  
juntos, sua tristeza  
se agarra à minha,  
minha dor em seu sangue  
transfundida,  
e súbito se eleva de nós  
o eco de seu corpo intacto,  
curado  
e um instante se pode sonhar a vida

com ele aqui, a nosso lado.

(silêncio)

MULHER:

Até o fim  
do mundo eu iria  
se me chamasse, você  
sabe. Mas você não  
vai até ele,  
vai a outro  
lugar, e para lá  
não vou, não  
poderei. Não irei.  
É mais fácil ir  
do que  
ficar.

Há cinco anos eu  
mordo minha carne  
para não ir, não ir  
para lá,  
não há, não existe  
lá!

HOMEM:

Se formos  
para lá  
tal lugar haverá,  
lá.

ANOTADOR DOS ANAIS DA CIDADE: Ela afasta dele seu olhar. Está longe dele como se ele já não estivesse aqui, deste lado. Ele inspira profundamente e parece querer aspirar para dentro de si toda a pequena cozinha e a casa inteira, e a ela, com seu rosto e seu corpo. Então ele se apruma, caminha e passa junto a ela, sua mão repousa por um átimo em sua cintura, tocando sem tocar. Ele sai da casa, fecha a porta atrás de si.

E para: o céu está baixo e escuro, e a noite, com seu largo peito, o empurra de volta à casa. Ele olha para a porta fechada. Suas pernas hesitam, tateiam. Ele anda, estranho, circundando a si mesmo, num pequeno círculo. Devagar, com cuidado, uma vez após outra, um círculo e mais um círculo em volta dele mesmo. Seus braços se abrem, os círculos se alargam, ele anda e rodeia o pequeno quintal, agora a casa, anda em volta da casa —

O CAMINHANTE:

Eis que vou cair  
agora vou cair —

e não caio.

Eis que agora  
o coração  
vai parar

e não para.

Eis a sombra  
e a névoa — agora,  
agora  
cairei —

ANOTADOR DOS ANAIS DA CIDADE: A noite é fria e úmida. Dos grandes pântanos a leste rolam nuvens, cobrem a lua. Mais e mais ele anda em volta da casa, como a esperar que seu movimento desperte a mulher, arraste —

O CAMINHANTE:

O frio  
em sua voz, mulher,  
embaraça  
meus pés. Como irei  
sem seu calor, sem a luz  
de seus olhos em mim? Como  
irei se  
você tirou  
sua graça  
de mim?

ANOTADOR DOS ANAIS DA CIDADE: Seus olhos fitam o tempo todo a persiana arriada, ele dá voltas e voltas em torno da casa, mas a cada vez parece que vai se afastando, abrindo e se espalhando, além, mais além, caminha, seus círculos se ampliam, se alargam, está indo para lá, não existe lá, claro que não existe, mas e se alguém for para lá? E se há um homem que vai para lá?

O CAMINHANTE:

Não estou só, não estou  
só, murmuro  
num juramento jurado,  
e o bafo de sua boca  
sai de minha boca  
para o espelho nublado —  
não estou só com ele, não estou  
só —

ANOTADOR DOS ANAIS DA CIDADE: Ele anda em volta de toda a aldeia, mais uma vez, e mais uma, passa por casas, quintais, poços e campos, por estábulos e redis e pilhas de lenha de calefação. Cães ladram para ele e logo recuam dele num uivo, e ele caminha —

O CAMINHANTE:

Não estou só, com ele  
não sou *um*,  
sozinho estou  
com ele em tudo  
que me constrange,  
pulsa em mim, vive  
comigo, junto  
comigo, com ele estou,  
efêmero, nesse corte  
imenso  
que se criou em mim  
com sua morte —  
comigo recrudescer  
e esvaece  
não se aquietou  
não se aquietou  
me sacode  
me amargura  
me redime  
me algema  
e cura  
e purifica,  
não me larga  
não me larga  
esse menino

solitário  
e morto.

ANOTADOR DOS ANAIS DA CIDADE: Uma noite, mais uma noite e mais uma. Coisas estão acontecendo em vossa cidade, duque, e temo não conseguir anotar todas elas para vós.

Eis que agora, meia-noite, no antigo cais junto ao lago, no meio de um emaranhado de redes de pesca, algo se move. Uma cabeça se esgueira para fora e olha em volta. Um corpo pequeno, flexível, se arrasta de dentro desse emaranhado e se senta, ofegante. É uma pessoa, sem dúvida, no rosto imundo brilha a brancura dos olhos assustados, que perscrutam as colinas nos limites da cidade. A boca aberta se vira e olha firmemente como se fosse um terceiro e escuro olho.

Agora eu vejo: é a cerzidora de redes. Talvez vos lembreis, Vossa Alteza — anos atrás, em uma de vossas visitas ao porto, vos deleitastes com sua língua afiada, quando discutiui convosco acerca do imposto sobre agulhas de costura que então baixastes, por vossa graça. Um menininho sorridente de cabelo encaracolado estava preso ao peito dela por um pano colorido e ele se divertiu convosco num jogo de olhares, e vós lhe destes uma moeda de ouro. Não sei qual foi seu destino. De vez em quando eu a vejo perambulando pelas ruas em torno do porto, rosnando, balbuciando para si mesma palavras sem sentido, envolta e emaranhada numa confusão de redes de pescadores, a ponto de se poder pensar que dentro não há ninguém.

Ela salta de repente como que picada por uma serpente. Suas mãos se erguem, apontando para longe, ela suspira —

E se estais desperto, duque, e se vos aprouver olhar por vossa janela, vereis também: como que uma pequena mancha clara dando voltas em torno da cidade. Um homem está andando, subindo e descendo as colinas —

O CAMINHANTE:

Um passo,  
mais um passo, mais  
um passo,  
caminho  
e caminho  
até você.  
Uma pergunta lançada  
eu  
num grito aberto

meu filho

se eu pudesse  
um passo,  
não mais,

mover  
você.

ANOTADOR DOS ANAIS DA CIDADE: É no terceiro turno da noite, numa ruela lateral nos limites da cidade, numa pequena casa de um só cômodo, sentado junto à janela está o Centauro. Assim ele é chamado na cidade, Vossa Alteza, e eu prometo tentar, em breve, descobrir por quê. Sua poderosa cabeça, coroada de cachos muito brancos, pende sobre seu peito, seus óculos escorregaram até a ponta do nariz, e seus roncoss estremecem a casa. Um olhar à direita e à esquerda: não há ninguém. Eu me ergo na ponta dos pés e olho para dentro do quarto. A penumbra é densa ali, mas me parece que o quarto está muito cheio, atulhado: montinhos e pilhas estranhas, que talvez sejam de poeira, ou de lixo, ou um amontoado de móveis antigos, cercam o homem e às vezes chegam até o teto. É difícil entender como ele pode se mover nesse quarto.

Sobre a mesa à sua frente estende-se um cobertor sujo. Algumas garrafas vazias de cerveja, canetas, lápis, um caderno escolar, tudo misturado. O caderno está aberto, cada página é pautada em finas linhas azuis. As páginas, até onde posso perceber daqui, estão vazias.

“Dê o fora daqui, ou eu lhe arranco os ovos”, murmura o Centauro sem abrir os olhos, e eu fujo enquanto é tempo.

Somente quando chego na cerca da casa da mulher de quem me exilei é que meu coração volta a bater normalmente.

MULHER DO ANOTADOR DOS ANAIS DA CIDADE:

O tempo que passa  
faz doer. Perdi  
a aptidão  
do movimento simples,  
natural, dentro dele.  
Sou arrastada nele  
para trás, na direção contrária  
a seu fluir, e ele  
furioso, vingativo —  
o tempo todo, todo o  
*tempo*  
crava em mim  
agulhões.

ANOTADOR DOS ANAIS DA CIDADE: É na noite do dia seguinte, numa cabana em um dos bairros enlameados nos extremos da cidade, uma mulher jovem — parteira de profissão — num movimento brusco não está mais de joelhos junto a uma bacia com água, e sim de pé, as mãos gotejantes. Até onde posso perceber, não há no quarto uma parturiente, nem um bebê, e na bacia flutuam apenas calças e a camisa de um homem. A mulher fica imóvel, como se estivesse congelada. Seu pescoço é

uma fina haste, e seu rosto é comprido e delicado. Com passos rígidos ela se vira para a janela e vai até lá. Fora está frio e tempestuoso, e como da chaminé da cabana não sai fumaça — por ela posso olhar para dentro —, imagino que dentro da cabana também faz muito frio.

Seu olhar varre a distância, as colinas, na linha do horizonte. Ela está calada, mas seus dedos se crispam em volta da boca como num grito, até que eu também prendo a respiração. Quando ela finalmente suspira, seus ombros desabam, como se de uma só vez perdesse as forças.

E seu marido — tórax em forma de barril, crânio avermelhado e raspado, nuca com três grossas dobras —, que durante todo esse tempo ficara sentado num canto do quarto, trabalhando num par de botas de montaria, pontuando e ritmando o silêncio com as batidas rápidas de seu martelo, logo filtra as palavras através dos pregos que tem na boca —

SAPATEIRO: Você está de novo envenenando a alma?

PARTEIRA: O-on-t-tem ela com-completaria ci-cinco anos.

SAPATEIRO: Já lhe disse cem vezes que é proibido pensar nessas coisas! Chega, acabou!

PARTEIRA: Acendi uma vela em frente ao r-re-retrato dela e não disse n-n-nada. Você nunca pensa nela?

SAPATEIRO: O que tem para pensar em quê? Quanto tempo de vida ela teve? Um ano?

PARTEIRA: E m-mei-meio.

ANOTADOR DOS ANAIS DA CIDADE: O sapateiro, com toda a força, bate com o martelo no calcanhar da bota, solta uma imprecação, e chupa com estranho apetite o sangue que jorra de seu dedo.

Já saio de lá cheio de pensamentos. A cidade dorme e as ruas estão desertas. Na extremidade do antigo cais eu paro, espero. As nuvens estão pesadas, e quase tocam a água do lago. Logo virá a aurora.

E de novo, como na noite de ontem, a cerzidora de redes muda ergue a cabeça de dentro do emaranhado no qual se deita. Olha em volta, procura, como se tivesse ouvido uma voz a chamá-la. Eu me escondo atrás de um poste. Ela pula de repente, corre ao longo da plataforma numa velocidade inacreditável, entre esqueletos de barcos e âncoras enferrujadas, e suas compridas redes se arrastam, esvoaçam atrás dela —

Na ponte de madeira se detém. Ouço o sibilar de sua respiração. Quem sabe o que passa na mente dessa criatura infeliz. Ela se agarra à amurada e se sacode com violência. Quanta força e quanta raiva existem nesse pequeno corpo. Eu me aproximo com cautela, me ajoelho atrás de uma canoa emborcada. O lago está tempestuoso esta noite, e meus óculos se cobrem seguidamente de pequenas gotículas. Em momentos como este, Vossa Alteza, eu quase amaldiçoo minha obediência cega a vossas ordens. É difícil enxergar daqui, mas me parece que alguém tenta forçar a muda a se virar para

trás e olhar para as colinas, e ela luta falando e cuspiendo, e o corpo pequeno e flexível se dobra e se joga para os lados, escrevo depressa e no escuro a mão treme peço desculpas pela letra Vossa Alteza talvez ela queira se jogar no lago e o que farei então faz tantos anos que não toco em ninguém e a cabeça dela num movimento brusco é lançada fortemente para trás talvez realmente alguém no escuro lhe esteja quebrando o pescoço —

Sua boca se abriu, revelando os dentes, e de repente fez-se silêncio. E assim silenciou também o lago como se as ondas não

MULHER MUDA NA REDE:

Duas migalhas de gente  
nós éramos,  
o menino e sua mãe,  
no eterno espaço  
do mundo pairamos  
seis anos  
inteiros —

ANOTADOR DOS ANAIS DA CIDADE: E perplexa ela volta e se deixa cair no emaranhado de redes. Estou com muito frio, Vossa Alteza. Manifestações como essas me deixam intranquilo. E isso de o lago voltar à vida de uma só vez, e as canoas novamente se chocarem umas com as outras e rangerem como se rissem de mim. Também zombareis de mim, duque, mas estou disposto a jurar que vi um fino traço de luz saindo da boca dessa mulher. Talvez apenas uma ilusão causada pelo luar. Mas, na verdade, não há luar algum. E também ocorre que, por um momento, quando cantou, ela era quase bonita. Estou só relatando. E sua voz era cristalina. Eu diria, cautelosamente: celestial. Mas o que entendo eu. E também estou cansado. Tudo isso é muito confuso. Talvez tire um cochilo em uma das canoas.

Um momento —

Agora, como um ágil animalzinho, ela escava em suas redes e se cobre com elas, e já desaparece. Segundo as anotações que tenho aqui — durante mais de nove anos ela não pronunciou uma palavra sequer.

E agora, Vossa Alteza, finalmente a aurora.

DUQUE:

A aurora!  
De dentro da noite  
odiosa,  
do teatro  
de seus pesadelos, eu  
volto, sou resgatado  
e me recomponho

pedaço  
a pedaço, mosaico  
de duque: eis minha mão  
estendida  
para o pão,  
com seu fresco aroma e  
morna textura,  
e antes, antes  
meu olhar  
à janela vai, se esvai  
para dois passarinhos na poça,  
para o raiar da aurora  
purpúrea, veja,  
duque, que bênção:  
a sua frente  
como numa bandeja  
um dia tenro, bebê  
cujos dentes ainda não nasceram —

mas já há uma semana, bem longe,  
nas colinas, um homem  
como uma navalha  
aberta anda  
e corta o céu  
com a cabeça —

O CAMINHANTE:

Farei  
você  
se mover,  
farei se mover  
você,  
meu filho  
arrancado,  
gelado,  
meu filho  
castrado.  
E cada dia é mais pungente,  
e a cada dia você é mais  
renitente, e mais

e mais  
exigente —

ANOTADOR DOS ANAIS DA CIDADE: Toda vez que a parteira sai do quarto o sapateiro corre à janela. Seus olhos se agitam, procuram nas colinas, seus lábios se movem como se mastigassem ofensas e reprimendas. O martelo está em suas mãos.

E agora ele me surpreende em seu quintal, atrás do galinheiro vazio. Ele não vem a meu encontro, não me expulsa, nem mesmo me ameaça com o martelo. Eu lhe mostro com cautela o caderninho e a caneta. Tenho a impressão de que ele assente.

PARTEIRA:

Em frente a minha cama  
na p-p-parede  
tem um relógio redondo  
ant-t-tigo,  
um mecanismo fraco e veterano,  
ponteiros est-t-tacionados na mesma  
ho-ho-ra  
e no mesmo minuto, já faz m-m-mais  
de um ano

ANOTADOR DOS ANAIS DA CIDADE: A sua voz chega abafada e monocórdia do quarto ao lado. O sapateiro se afasta da janela. Anda para trás. Para trás? Estranho: parece andar dormindo, adivinhando o percurso, até que as costas estão contra a parede. Os dois braços erguem-se devagar para os lados. A cabeça raspada, vermelha, bate com força na parede, ao ritmo das palavras que chegam do outro quarto.

PARTEIRA:

E somente —  
o ponteiro dos s-s-se-segundos  
silente  
ainda palpita  
salta e insiste  
no tempo que resta  
todo o tempo que ainda  
subsiste  
salta e resiste  
ao recuo  
não desiste  
avança

e persiste  
em passar  
para a hora zero  
ou somente  
em  
em  
em ser,  
ser somente um segundo inocente pleno simples não mais não menos somente  
isso meu Deus somente  
ser.

DUQUE:

E aqui, no palácio,  
em meu quarto,  
assobia a chaleira, do café  
o vapor, na calma, na lentidão  
no torpor, não há como duvidar:  
é um duque  
exemplar —  
não.  
Não.  
Não é dono  
de si mesmo quem aqui acordou  
de seu sono,  
com os ossos ocos,  
no abandono,  
ah, a força do peso  
da tragédia (você pensou  
estar defendido,  
duquinho, pensou  
que era imune. Seus batalhões  
por toda a terra se espraíam, mil cavaleiros  
sobre mil cavalos, e você  
é estilhaços de argila). Mas levante-se,  
enfrente seu dia,  
vista em silêncio a pele postiça  
que é seu nome, avive  
no coração a brasa  
mortiça, convença  
com toda a força a

si mesmo que ainda se lembra como é  
simplesmente  
ser; como fazer nada, por exemplo,  
como se faz nada? Como  
alguém faz nada  
sem nada querer, como pode  
esquecer por um momento  
o que está entalhado, cauterizado  
lá dentro?

Em suma —  
este fingido, matreiro,  
que se faz de alguém  
rotineiro, cujo olhar  
se deixa levar  
à janela aberta, cuja mão  
se estende convicta ao pão —

E dentro disso, súbito,  
eu caio  
mergulho,  
sou apenas  
a sombra da sombra  
daquele que anda lá  
sozinho, de quem  
grava em minha terra  
em pesados passos  
a sentença:  
tudo que existe  
tudo que existe  
(ah, meu pequeno  
menino, querido  
perdido) —  
tudo existente  
doravante  
ecoará  
o ausente.

ANOTADOR DOS ANAIS DA CIDADE: “É como um balbucio”, explica o Centauro quando passo por sua janela ao anoitecer do dia seguinte: “Um balbucio ou uma espécie de farfalhar, seco, dentro da cabeça, que jamais para”.

É sem vontade, Vossa Alteza, que ele presta seu testemunho. Só depois que lhe mostro a ordem ducal com vossa assinatura e o selo com vossa imagem, para que ele os examine, ele compreende que não tem alternativa a não ser cooperar.

CENTAURO: *Minuciosamente*. Você precisa saber o que se passa comigo? Realmente interessa ao traseiro do duque saber *minuciosamente* o que é esse farfalhar em minha cabeça? Então vamos em frente, agarre essa oportunidade pelos colhões, barnabé: escreva que parece, digamos, com folhas secas. O que você está olhando feito um idiota? Folhas! Mas secas, certo? Esfarelando-se, mortas, anotou? E alguém pisa nelas, o tempo todo, anda e pisa... e então? Isso explica *minuciosamente*? O duque ficará satisfeito? Seu rosto resplenderá com prazerosa excitação?

ANOTADOR DOS ANAIS DA CIDADE: Eu pessoalmente, duque, relevo sem muito esforço qualquer ofensa a minha dignidade, mas não aceito de maneira alguma que ofendam assim o vosso representante, e por isso virei-me para ir embora —

CENTAURO: O que é isso? Sem um beijo? Volte aqui imediatamente! Parece-me, barnabé, que em sua ordem está expressamente escrito “*toda informação que for necessária às autoridades, sem omitir nenhum detalhe*”! É ou não é verdade? Então, por favor, abra agora mesmo seu caderninho e comece a escrever:

“Alguém caminha o tempo todo pisando nelas, nas folhas secas” — escreva! — “indo e vindo, indo e vindo, em círculo, arrastando os pés...” — anote — “hrrrrss, hrrrrss” — assim, sim, três letras s no fim... é com certeza um detalhe que esclarecerá a situação *minuciosamente* para o duque! Mil por cento de certeza que isso vai levantar o dele, assim! Captou, escrivãozinho? Já lhe disseram alguma vez que você tem cara de órfão inglês?

ANOTADOR DOS ANAIS DA CIDADE: Enquanto eu faço de conta que anoto essa parlapatice idiota, fico de vez em quando na ponta dos pés e dou uma olhada nas pilhas de coisas que atulham o quarto. Organizo uma pequena e rápida lista: um berço de madeira, um carrinho de criança, uma pequena cama, muitas bolas de futebol furadas, cadeirinhas coloridas, um cavalo de pau, um barco de brinquedo, vagões enferrujados de trenzinho elétrico, um chapéu de caubói, uma faixa de penas de índio, um nunca-acabar de folhas de papel cobertas de desenhos e rabiscos... Aliás: todo esse amontoado de coisas está coberto de cocô de moscas e camadas de teia de aranha. Tudo parece estar deteriorado e quebradiço, e a ponto de se esfarelar a um simples toque da mão, até mesmo do olhar. E ele lá, vejo aqui da janela, continua a tagarelar, xingar e praguejar. Eu fico na minha. Tênis, patins e sandálias, livros, livros em toda parte, uma pequena carteira escolar, estojos, um urinol verde, uma bicicleta pequena com rodinhas — que tagarele o quanto quiser, reclame, escarneça, de vez em quando eu lhe aceno assentindo, nem dez caderninhos me seriam suficientes, aqui tem todo um museu de infância, talvez o museu de um menino. Pé de pato de borracha e óculos de mergulho, ursos de lã, leões e tigres de pelúcia.

Ele parou de falar. Olha para mim por cima de seus óculos. Talvez suspeitando. Um acordeão

pequeno, uma pasta, soldadinhos de chumbo, pincéis, a situação não está boa, não estou tranquilo, esses olhos injetados de sangue. Já vou parar. Ei, jogos de mesa, o querido *Banco Imobiliário*, *Serpentes e escadas*, baralhos de figuras, apetrechos para o jovem mágico, uniformes de escoteiro, saquinhos de brindes de aniversários, arco e flechas — como é possível sequer respirar neste quarto?

CENTAURO: É impossível. E agora, se tem amor à vida, escriturário, vá embora daqui e não volte, tá-tá-tá! Rápido!

ANOTADOR DOS ANAIS DA CIDADE: Álbuns de fotografias, máscaras, um revólver de brinquedo, chupetas, apitos, uma lanterna de bolso —

CENTAURO: Dê o fora daqui, carrapato, ou vou eu até você —

MULHER QUE FICOU EM CASA:

Cinco anos depois da morte  
de meu filho, seu pai saiu  
para encontrá-lo.

Eu

não fui com ele.

Não fui. Tão intensamente não  
fui que desabei. Senti, rejeitada,  
as pernas se dobrarem sob meu corpo. Ouço

a voz que a mim chega

de longe: ele

caminha, ele vai. Não

fui.

Para lá

eu não.

Para lá

eu

não.

O coração palpita, ele

vai. O sangue lateja,

ele vai, tilintam

colheres e garfos, brilham

espelhos, lançam sinais, espelhe-se

nele, olhe para

ele, de dia, de noite, ele

vai. Eu

iria com ele

até o fim  
do mundo. Não para lá,  
não  
para lá.

DUQUE:

... e ele talvez se revolte, não tenho  
certeza, meus detetives  
veem nele um perigo:  
a frieza de um rebelde, de  
um homem teimoso,  
obstinado —  
mas seus olhos — assim eles escrevem  
concluindo o relatório — luzem de azul  
e de inocência, como os olhos  
de um menino.

PARTEIRA:

J-j-já não saberá,  
minha filha, que todo homem  
é uma ilha,  
que é impossível  
a outro h-h-homem  
conhecer  
por dentro. F-f-i-  
ilha que nem mesmo sua mãe  
poderá ser,  
e por um minuto  
ao menos, dar-lhe vivência,  
nela ter sobrevivência,  
essência de sua es-sência.

ANOTADOR DOS ANAIS DA CIDADE: A neblina enche as ruas da cidade. A parteira está à janela, o olhar nas colinas, os lábios quase beijando a vidraça, e murmura algo como se estivesse febril. Seu hálito intermitente, fragmentado, se desenha na vidraça como se fossem hieróglifos, e logo se evapora, às vezes ainda antes de eu ter anotado. De onde estou — desta vez atrás do poço em ruínas no quintal — dá para ver seu marido, sentado na banquetta e dirigindo a ela um olhar fascinado, o martelo na mão.

PARTEIRA:

Também o que s-s-sou não mais

se ligará ao que você é, também o que sou  
a mim mesma não vai mais  
se ligar. Tudo se desligou. Dizem que há  
coisas no mundo. Dizem  
que entre as c-c-oisas há  
ligações. Eu o-o-lho para  
os que dizem. Eu  
vejo  
migalhas  
e furos,  
grânulos  
de membros e de partes —

CENTAURO: Mais uma vez, e uma vez mais ele pisa nas folhas dentro de minha cabeça, dando voltas, esmigalhando-as, de dia e de noite, sempre o mesmo ritmo, sem nunca mudar, já faz quinze anos, *desde então*, mesmo quando durmo, mesmo quando defeco, sim, escreva, para que pelo menos em algum lugar esteja escrito, e também tem cochichos o tempo inteiro, assim: hmmm... hmmm... e então ele ataca como um enxame de vespas, zzzzzz, perfurando o cérebro: *isso aconteceu, isso aconteceu, isso aconteceu com ele, isso é para sempre, isso é para a eternidade, e ele não, ele não mais* — Ah... diga, barnabé, isso só acontece comigo lá dentro, certo? Você não pode ouvir isso, não é?

ANOTADOR DOS ANAIS DA CIDADE: Esta tarde, depois que dele me despedi, não sei por que dei mais uma ou duas voltas para vê-lo. Na janela, seu rosto grande e pálido ficava cada vez mais tristonho à medida que eu me afastava. É admirável a lentidão com que se movem seus longos cílios. Uma fina faixa de luz fulgiu de repente na direção do lago e lampejou contra o céu escuro. Corri para lá —

MULHER DENTRO DA REDE:

Duas migalhas de gente  
nós fomos,  
o menino e sua mãe,  
no eterno espaço  
do mundo pairamos  
seis anos  
inteiros,  
e a mim pareceram  
um só minuto sutil  
em que éramos como  
um poema  
infantil,  
em que o prático

rima com o fantástico

Até que veio e soprou  
o mais leve dos leves  
sopros  
respiro  
adejo  
abano  
breve brisa  
nas folhas —

decretou e assinou  
você para cá  
ele para lá  
se afastaram seus passos —  
e acabou, terminou  
e rompeu-se  
em estilhaços.

ANOTADOR DOS ANAIS DA CIDADE: Agora ela percebe minha presença e se cala. O píer inteiro nos separa, mas ela me estende os braços como se eu estivesse a seu lado.

MULHER DENTRO DA REDE:

Como por lâminas  
de tesouras  
fui recortada  
do retrato da minha vida,  
o gelo da solidão  
e da ausência  
em meus membros,  
me queimo, me arraso.  
Pois me tocou,  
pois fui tocada  
pelo gélido toque  
do acaso —

ANOTADOR DOS ANAIS DA CIDADE: E num gesto brusco ela tapa a boca com as duas mãos. Acima delas — seus grandes olhos negros se enchem de medo. Se me perguntardes, Vossa Alteza, diria que essa pobre mulher absolutamente não entende as palavras que lhe saem da boca! Aliás, também me parece que ela realmente acredita que basta eu me aproximar e tocá-la para que ela se livre desse vão

encantamento, mas eu há quase treze anos não toco em ninguém. Agora devo me apressar, senhor; é quase meia-noite, e posso perder meu encontro com minha mulher.

MULHER DO ANOTADOR DOS ANAIS DA CIDADE:

Um corpo minúsculo transparente  
fúlgido havia em mim, um raio  
dourado, fluindo. Eu sabia: ele  
sou eu, meu alento  
minha seiva, o sentido  
de eu ser. Nasceu  
comigo, pensei, e também  
morrerá comigo —  
sem saber que eu poderia  
viver mais  
do que ele, que eu seria  
um exílio, alguém  
que é ninguém.

E que mentirosa vou ser —  
tal que sem pejo  
sem pestanejo  
ousa dizer:  
eu.

MULHER QUE FICOU EM CASA:

Mordi  
com meus dentes minha carne. Não  
parti. Como uma vela me  
extingui. E só  
ele restou em mim  
acordado: agora ele  
vê, agora está  
lembrado. Agora ele cruza  
o inferno. Agora se cala  
com o filho dele. Ou  
ri. Ou prova  
uma migalha de felicidade  
com ele —

não respirar, não  
pensar, o que

ele vê, o que rememora,  
o que lhe devora  
o coração. Como é vazio  
seu interior. Um olho apagado  
em mim se acendeu,  
olho de animal  
metade do qual o predador  
já mordeu. O que  
ele vê  
lá, pergunto, grito, bato  
a cabeça na parede, e quanto já  
se arrastou, e quanto já se desbastou, e quanto  
se afastou  
para a escuridão —

O CAMINHANTE:

Pelo visto só posso  
compreender coisas que  
estão dentro do tempo. Pessoas,  
por exemplo, ou pensamentos, ou tristeza  
ou alegria, cavalos, cães,  
palavras, amor. Coisas  
que envelhecem, que se renovam,  
se transformam. Minhas saudades de você  
também se encerram no tempo. O luto  
se faz veterano, antigo  
com os anos, e tem dias em que é novo,  
fresco.  
Assim também a ira por tudo que lhe foi  
roubado. Mas você  
já não.  
Você mesmo já  
não. Você  
está fora do tempo.  
Como explicar a  
você. Quando até a explicação  
se comprime no tempo. Contou-me  
uma vez um homem de uma terra  
distante que em sua língua  
se diz de quem morre

na guerra, “caiu”.

Assim é você: caiu

fora do tempo, o tempo

no qual eu habito

passa

por você: uma figura

de pé sozinha

sobre um cais

na noite

cujo negror

dela transbordou

até se esgotar.

Eu vejo você

mas não o toco.

Não sinto você

nos meus sensores

do tempo.

CENTAURO: Tome como exemplo você mesmo, anotador dos anais da cidade, ou como quer que você se intitule. Você é um prazer para os olhos, juro! Esse chapéu, m-eu-se-nhor! E a gravata, e a pasta e o bigodinho... uma delícia! Só é pena que esteja tão desleixado e sujo, como um mendigo, juro, e também, me desculpe, fedendo como um monte de cocozinho fresco, mas fora isso —

Basta, não comece a inflar, o que você está papagueando aí? Ofensa a servidor público? Pshhh! Um pouco de senso de humor, barnabé, estou brincando com você! E aliás, saiba que de minha parte é tudo por inveja. Sim, tome nota, nas maiores letras possíveis: o centauro tem inveja do escriturário!

Não, diga você mesmo: não é uma sorte incrível que você, no exercício de seu trabalho, e sem dúvida em troca de um belo salário, possa espiar quanto quiser dentro do inferno dos outros, sem precisar meter nem a ponta do seu mindinho branquelo? Pense! O que é mais excitante do que o inferno dos outros, diga? E no geral, você há de concordar comigo, a dor em segunda mão é preferível à dor em primeira mão, não é? Não é de uso mais saudável, e também mais “artística”, no sentido mais elevado, ou seja, mais castrado, da palavra? E veja, tome você como exemplo: já faz pelo menos uma semana que você passa por aqui, assim, por acaso, diante da minha janela, três-quatro vezes por dia, ontem foram cinco, mas quem está contando — apressado em seus afazeres, mergulhado em seus pensamentos, e de repente — Opa! Vamos dar uma freada estridente! Vamos pestanejar de surpresa! Que temos aqui? Um centauro! E ainda por cima enlutado! Dois coelhos de uma cajadada só! Rápido e fácil vamos vestir uma expressão de suave condolência e solidariedade, e num instante mergulhar a ponta de nossa pena prateada em sua negra tinta, e três-quatro, vamos perguntar sobre seu filho, perguntar sobre o filho, perguntar sobre o filho! E se o interrogado não der respostas suficientes, não desistir, não desistir, vamos voltar dentro de uma hora, e de duas horas, e amanhã de manhã também, e novamente, novamente perguntar sobre o filho, e não vamos largá-lo mesmo que ranja os dentes e

morda os lábios até doer, e conte-me por favor como ele era quando bebê, e o que gostava de comer, e o que construía com o lego, e que canção de ninar você cantava para ele... Ouça, carrapato da tinta, nem o imposto de renda da Inquisição torturava assim! E então, subitamente, pshhhh! O relógio da cidade faz soar a hora, ding-dong, até logo, até logo, muito obrigado, foi muito agradável, a pena volta a seu estojo, o caderninho a seu bolso, e o barnabé já está a caminho de casa, abre parênteses, o que lhe importa que eu fique aqui sangrando, dilacerado, cortado em pedaços, fecha parênteses, o escriturário assobia uma canção alegre pensando no pernil de cordeiro que o espera no forno, e claro que também nos pernis dessa ou daquela senhora... O quê, hein? Peguei você naquilo — como é que se chama? —, ou não peguei?

ANOTADOR DOS ANAIS DA CIDADE: Paro aqui, Vossa Alteza! Cheguei a meu limite! Daqui em diante — o anotador dos anais da cidade se recusa peremptoriamente a encontrar-se com essa criatura repelente! Podeis me matar, duque, a ela eu não voltarei!

O CAMINHANTE:

Ouvi uma voz  
de mulher se elevar  
da cidade:  
*que todo homem é  
uma ilha,  
que é impossível  
a outro homem  
conhecer  
por dentro —*

Eu fico na minha, não paro  
de tentar: faço haurir, despertar,  
dividir sem parar  
células suas que ainda  
vivem em mim, as derradeiras  
impressões do ser que ainda  
não se perderam nas extremidades  
de meus sentidos —  
o toque de sua pele de menino,  
sua voz que ainda é fina e secreta  
em meus ouvidos, mas já dispara  
agudo estilhaço  
de ironia, e o registro  
do movimento de seu corpo,  
passa tão rápido,

desliza (tão contente fiquei  
quando me disseram que você  
andava como eu).

Uma dúvida  
fina e afiada lampeja  
no franzir de seus lábios —  
eu continuo, eu guardo,  
entesouro  
e ressuscito, o menino  
que você foi, o homem  
que não será —  
você talvez sorria: “Que é isso,  
pai? Experimentos com um ser  
humano?”

Eu dou de ombros: não, isso  
é a empresa  
de uma vida.

Veja, eu súbito me inflamo,  
eu vou criar  
você, ou ao menos um  
palpitar  
de vida  
seu, e por que não,  
com os diabos,  
por que voltar atrás?  
Já fiz isso uma vez,  
e agora quero  
você  
muito  
mais.

MULHER QUE FICOU EM CASA:

Baixei  
todas as persianas. Apaguei todas  
as luzes. Minha pele cobriu-se  
de feridas e abscessos. Obscuro  
silêncio. Escuro  
silêncio. Dias  
e noites e eu  
dentro dele, um feto

pós-maturo, petrificado,  
que a tragédia concebeu  
depois  
do climatério.

Até que súbito acordei  
de meu desmaio, e como que  
um ventríloquo de meu ventre  
falou: eu  
perco  
meu filho  
mais uma vez.

ANOTADOR DOS ANAIS DA CIDADE: Debaixo de um lampião de rua que derrama uma luz amarelada, um homem idoso escreve com giz na parede de uma casa. Seu cabelo muito branco, como um halo, paira em torno de sua cabeça, seu bigode de morsa é prateado, e por um instante eu exulto, pois esse homem é o meu professor, professor de matemática no curso fundamental, um homem simpático, que há muitos anos passou por uma tragédia, não me lembro o que foi, e depois sumiu. Pensava que tinha morrido, e ei-lo aqui de pé na noite avançada anotando na parede imunda de desenhos pornográficos colunas de números e de exercícios numa escrita pequena e organizada. Quando percebe a minha presença, não se assusta nem um pouco: ao contrário, sorri para mim com uma boca desdentada, como se durante muito tempo tivesse esperado só por mim, e faz sinal com um dedo torto para que eu me aproxime da parede.

VELHO PROFESSOR DE MATEMÁTICA:

Dois e dois são  
quatro. Repita  
comigo: três  
mais três são seis. Dez  
e dez — vinte. Mais uma vez  
você se atrasou, meu jovem, amanhã  
terá de trazer  
seus pais —

ANOTADOR DOS ANAIS DA CIDADE: Mas professor, o senhor não se lembra de mim?

VELHO PROFESSOR DE MATEMÁTICA:

Desculpe, senhor, desculpe,  
a escuridão, e também meus olhos... Você  
é o anotador-dos-anais-da-cidade,  
é claro.

Então: quanto ao que foi  
perguntado, ou que estava a ponto de ser  
perguntado  
tenho tão pouco a dizer,  
e eu também  
um pouco me espanto: pois  
já há vinte e seis anos  
esta é a grande ocorrência de minha vida,  
a única, consumada,  
mas para surpresa maior,  
e também embaraço maior,  
não sei sobre ela  
nada.

“Mas como é que ela é”,  
as criaturas perguntam às vezes,  
e eu também mais de uma vez pergunto  
a mim mesmo:

como um bloco de concreto?

Uma barra de ferro?

Compacta represa?

Rocha

basáltica?

Ou talvez — como cebola

camada a camada?

Não-não, eu

me desculpo, nem

isso nem aquilo, e não

penso, meu senhor, que eu

me esquivo à resposta:

realmente quanto a isso não sei

nada.

Só sei que está aqui.

É um fato. E ele

com todo seu peso

meus dias

dilapida. Ele

suga

minha vida

sofrida. E basta,

desculpe, senhor,

mais do que isso,  
em suma,  
não sei  
coisa alguma.

ANOTADOR DOS ANAIS DA CIDADE: E já me vira as costas e volta a escrever números na parede da casa em sua caligrafia miúda. Por longos minutos continuo a contemplá-lo, haurindo um estranho conforto de seus movimentos leves e rápidos. E de repente me lembro do que lhe aconteceu, e fico surpreso de ter esquecido, quase vou de novo até ele para lhe dizer, professor, assim e assim aconteceu comigo também, e o senhor nunca me ensinou o que se deve fazer então.

PARTEIRA:

Um b-bebê,  
se um só bebê surgisse  
de um útero para minhas  
duas mãos ex-p-pectantes, minhas  
mãos de parteira  
vaz-zias,  
ainda coberto do orvalho  
do parto, preso ao cordão  
umbilical, e vagindo,  
só  
que não sei  
se afinal  
nesse instante  
não vai se desfazer  
nas minhas mãos  
em pó —

Mas o q-que é  
isso? S-sua  
boca, o que  
você fez  
consigo?

SAPATEIRO: Não é nada. Não é.

PARTEIRA:

A b-boca,  
a boca, a-a-a-

abra  
a boca!

SAPATEIRO: Não, deixe, não toque, toda a minha força vem deles.

PARTEIRA:

E como não  
p-per-percebi... como? Eu  
p-pensei  
que só q-quando você  
trabalha você... e como  
você comeu  
a-as-sim? E como  
você vai t-t-tirá-los,  
eu peço, eu  
imploro, tire  
tudo —

SAPATEIRO: Não, não posso, quem vai cuidar que eu...?

PARTEIRA: Tire-os!

SAPATEIRO: Para que eu não morda a mim mesmo

PARTEIRA:

S-s-sim, mais,  
tire, cuspa, tem  
mais, e mais  
um, sim, me dê, na  
mão... tem mais, meu Deus,  
é tão afiado... tem sangue...  
t-toda a sua  
boca é feridas  
e ferrugem.

ANOTADOR DOS ANAIS DA CIDADE: Ela abre a janela e joga todos fora. Eu os ouço cair em torno de mim num tilintar metálico, e o sapateiro lá está perplexo, a mão no rosto e a língua a se revirar na boca, perscrutando a saliva.

SAPATEIRO: Havia dez como esses. Pequenos, e grandes e tortos, e um grosso e sem cabeça, era como um polegar, assim eu o chamava. Já se tinham tornado pedaços de mim. Um para cada dedinho dela que eu beijava.

ANOTADOR DOS ANAIS DA CIDADE: E ainda na mesma noite o caminhante ouve passos atrás de si, e lá está o sapateiro, num andar um pouco encurvado, e ele pergunta num murmúrio: Você estaria precisando de sapatos? E o homem diz que não precisa de nada, só de andar, e de que não o perturbem. E o sapateiro olha para seus pés descalços e feridos e lhe diz que aqui, na mochila, ele tem ferramentas e um pedaço de couro, e que pode fazer facilmente um par de bons sapatos. E o homem não responde, eles continuam a andar por algum tempo, e por fim o sapateiro lhe pergunta se pode andar assim atrás do caminhante, e o caminhante não responde, tampouco interrompe sua marcha, e só dá de ombros como a dizer, se você quiser, mas eu caminho só.

Agora eles são dois, Vossa Alteza. Podeis vê-los de vossa janela. Na frente, o homem alto e ossudo, de cabelos e barba revoltos, e atrás dele, a alguns passos de distância, o sapateiro, braços caídos para o chão, e de vez em quando ele vira a cabeça para trás, para a mulher delgada, ereta, à janela da cabana.

PARTEIRA:

E se  
não,  
se não se des-f-fizer  
o bebê  
em pó, se permanecer  
quente e sólido  
ao vagir  
e chorar,  
talvez então  
o mundo todo vai voltar  
a se irmanar  
em minha mão?

MULHER QUE SAIU DE CASA:

Cinco anos após a morte  
de meu filho, seu pai  
saiu para  
encontrá-lo.  
Eu decidi  
não acompanhá-lo.  
No alto do campanário  
no coração da capital regional  
cem milhas distante

de minha casa, eu agora  
caminho sozinha  
em círculos, eu  
circundo  
o espigão de uma torre  
férrea, lenta  
lentamente, volta  
a volta, noites,  
dias,  
em meu pequeno círculo  
diante dele,  
e ele  
que está nas colinas  
diante de mim, dias,  
noites,  
traça  
o seu círculo.

CENTAURO: Mas se eu não escrever isso, não vou compreender —

ANOTADOR DOS ANAIS DA CIDADE: É assim, duque, como que por acaso, que o Centauro fala ao anotador dos anais de vossa cidade, quando passo em frente a sua janela ao entardecer — *passo seguindo vossas ordens, sob profundo e veemente protesto.*

CENTAURO: Não vou compreender o que aconteceu, tampouco o que sou agora depois que aconteceu. E o mais terrível, barnabezinho, é que, se eu não escrever isso, também não poderei compreender quem é *ele* agora, quer dizer, o meu filho.

ANOTADOR DOS ANAIS DA CIDADE: Eu também não compreendo do que ele está falando. E ele, é claro, não explica. Só ergue o nariz numa espécie de orgulho inflado e ofendido, e vira-me as costas na medida em que seu corpo disforme permite. Mas ele também me acompanha com o canto do olho, e no momento em que dou um basta às suas encenações e me disponho a ir embora —

CENTAURO: Assim são as coisas comigo, barnabito, é desse jeito que eu sou. É um fato! Não sou capaz de compreender algo enquanto não escrever! Compreender de verdade, quero dizer, minuciosamente! Por que é que você fica me olhando? De novo essa cara de órfão! Escrever mesmo, eu lhe digo, não apenas ruminar o que mastigaram e vomitaram mil pessoas antes de mim, como você gosta tanto de fazer, hein, caderneta? Incitar, citar, anotar cada perambulação delas em letras caprichadas, hein? Então agora, por favor, escreva em letras bem grandes, gigantescas: Eu tenho de

criá-lo novamente na forma de uma *história*! Captou?

Ele, idiota! O fato, o que aconteceu! O que você não está entendendo aqui? Isso, essa coisa filha da puta que aconteceu comigo e com meu menino, sim, tenho de misturar tudo dentro de uma história, sou obrigado. E que haja ação! Imaginação! E visões e liberdade e sonhos! Fogo! Um caldeirão a ferver!

ANOTADOR DOS ANAIS DA CIDADE: Grandes gotas de suor rolam nos vincos de seu nariz. Seu rosto é uma tempestade vermelha. Anoto febrilmente, totalmente hipnotizado por ele, sem olhar para o papel, a mão correndo sozinha.

CENTAURO: Só assim eu posso, de algum jeito, me aproximar dele, desse isso, maldito seja, sem morrer disso, percebe? Tenho de me mover à sua frente, me deslocar, não ficar petrificado como um rato diante de uma serpente! Tenho de sentir, mesmo que por um só instante, por meio segundo, o último lugar livre que talvez ainda tenha restado em mim, a partícula de centelha que ainda, de algum modo, cintila lá dentro de mim, que esse desgraçado não conseguiu apagar...tfu! Não tenho alternativa, compreenda: eu não tenho alternativa. E talvez não haja mesmo alternativas, hein? Não sei, e você com certeza não vai entender, então pelo menos anote, depressa: Eu quero amassá-lo, revolvê-lo, esse isso, sim, isso que aconteceu, isso que veio como um raio e queimou tudo que eu tinha, as palavras também, maldito seja e maldita sua lembrança, as palavras que poderiam me descrever isso ele queimou, o desgraçado. Eu preciso misturá-lo com algo de mim mesmo, sou obrigado, do mais fundo de mim, a soprar dentro dele minha pobre respiração, tentar fazer dele um pouco, como lhe explicar, um pouco meu, meu... Eis que alguma coisa de mim, de meu, já se encontra nele, bem dentro dele, em sua prisão maldita, então talvez haja sobre o que falar, regatear... hein? Anote, facínora! Não pare de anotar. Que jeito que você tem de me olhar! Quando finalmente consigo dizer uma palavra sobre isso, respirar... E também quero criar figuras, preciso, tenho que, é sempre assim comigo, figuras que jorrem para dentro da história, que fluam, que arejem um pouco meu cárcere, e que surpreendam, a ele e também a mim, claro, que me traíam, que o traíam, esse filho de mil putas, que caíam sobre ele daqui e dali e de todos os lados e ao revés e com um laço, por mim podem meter em seu traseiro, contanto que o façam se mover um milímetro, não precisa mais, que pelo menos em minha página ele se mova um pouco, que esperneie, e só

que não seja  
tão  
tão inatingível  
por  
nada.

ANOTADOR DOS ANAIS DA CIDADE: Ele se cala, seus olhos se arregalam de pavor, como se de repente o chão faltasse sob seus pés e ele mergulhasse, bem à minha frente. Uma de suas mãos se ergue debilmente, como se ele tentasse se agarrar em mim. Só agora, Vossa Alteza, começo a perceber o que

todo o tempo estava bem diante de mim: o caderno, as penas sobre a mesa, as páginas em branco —  
Contemplo essa criatura corpulenta e grosseira. Uma como essa, nunca cheguei a imaginar.

CENTAURO: Agora vá embora daqui. Eu lhe imploro, vá. Mas volte, sim? Voltará? Quando? Amanhã?

ANOTADOR DOS ANAIS DA CIDADE: No dia seguinte, numa gaveta empoeirada dos arquivos da cidade, encontro sua pasta. Ele não mentiu: até alguns anos atrás, escrevia histórias. Escrevia canções também, e baladas, e um poema. Vi que os críticos em geral lhe torceram o nariz, embora aqui e ali dissessem dele coisas boas: “Como o José da lenda”, poetizou alguém, “sementes se projetam dos dedos de suas mãos”.

Lá estão registrados também os boatos que circulam a seu respeito, e a respeito de sua estranha alcunha de “Centauro”. Histórias da carochinha, Vossa Alteza, acredite quem quiser! Eu quase sou tentado a anotá-las aqui, por divertimento, mas, quando deparo com o olhar sarcástico que vossa imagem me envia da ordem que tenho nas mãos, sei que não devo constranger-vos mencionando tolices primitivas como essas num documento oficial do ducado.

MULHER NO ALTO DO CAMPANÁRIO:

Às vezes passantes  
sobem à torre, observantes  
de pássaros, ou amantes  
de sinos, ou turistas,  
e mais que todos, os que põem as vistas  
em nossa guerra  
eterna, lá no vale além das colinas.  
Ficam horas, bebem, escarram  
e olham nos binóculos, e apostam  
resultados, e bebem de novo, gritam  
hurra, a plena voz, se  
algum pobre soldado lá — impossível  
distinguir  
se é nosso ou se é deles — consegue  
com grande dificuldade  
erguer sua espada. Você também esteve  
lá, meu filho, o que  
fazia  
lá, o que  
tem a ver  
lá com você? —  
e entre esses hurras

e as bebidas e as piscadelas, eles olham  
para mim, apontam com o dedo, riem,  
às vezes beliscam também. E o que  
podem ver? Uma mulher  
da aldeia, da zona dos pântanos, com rosto  
de aldeia e pernas grossas, e uma longa  
trança, cinzenta, e não se move  
quase, e anda  
devagar,  
devagar,  
três-quatro passos  
por hora, mulher doida.  
Riam, sorrio eu, riam,  
bom proveito, e em torno de mim  
gira a torre devagar, um passo,  
mais um passo, um passo mais.  
Meus olhos não desgrudam dele  
nas colinas,  
e eles, em torno de mim, e ele  
e eu,  
e eu  
e ele,  
e nosso filho  
é um fio  
entre nós.

O CAMINHANTE:

Um raio penetra  
em mim, me atinge  
as fendas, as profundezas,  
armado e tenso:  
onde está você?  
Em qual dos caminhos  
virá se revelar um dia,  
se erguer  
em minha fantasmagoria?

Jogando futebol?  
Preparando o molho do bife?  
Fazendo a lição,

a cabeça apoiada na mão?  
Jogando pedrinhas  
na água?

Há muito tempo já sei,  
é você  
quem decide  
como aparecer a mim  
e quando. Você,  
e não eu, escolhe  
como vai falar  
comigo. Mas seu  
vocabulário, meu filho —  
eu sinto — vai diminuindo  
com o passar dos anos.  
Ou pelo menos as palavras não  
se renovam: futebol,  
bife, lições, pedras.  
Mas você tinha muitas mais  
(toda a vida, meu querido,  
um acervo imenso),  
mas você parece insistir  
em se entrincheirar  
no sucinto —  
bife, bola, pedras, deveres de escola,  
e mais dois ou três momentos  
breves, aos quais você volta,  
fazendo voltar —  
a aurora à beira do rio, no norte,  
a história que lhe contei,  
o estranho nicho na rocha  
cinzenta, onde você se aninhou,  
se enroscou,  
tão pequeno  
que era,  
e o azul de seus olhos, e o sol, e os peixinhos  
que saltavam na água como se também quisessem  
ouvir a história, e o riso  
que rimos juntos —  
só isso, só essas, de novo

e de novo, as lembranças  
estas, e as outras que tais  
se esvaem, finais,  
cada vez mais...

O quê?

Propositalmente você  
me rouba o consolo, a mercê?

Então eu penso, talvez  
assim você me acostume  
aos pouquinhos  
ao apagar  
da dor? Talvez, com uma delicadeza  
sem igual, com os perenes  
bons sentidos tão seus,  
você me prepara  
lentamente  
para isso,  
então,  
para o adeus?

CENTAURO: Você voltou. Finalmente. Eu já tinha certeza de que não... de que você se assustara comigo... Ouça, andei pensando sobre isso: você e eu formamos um estranho par, não é? Pense: já há anos não consigo escrever, nem uma só palavra sai de mim — e você, dá para ver, pode escrever, na verdade anotar, quanto quiser, caderninhos inteiros, papelada sem fim! Mas, pelo visto, só aquilo que os outros lhe dizem... só citações, hein? Mastigações e rumações de outros. E você só as descreve, assim, com a pena rápida, num esboço... estou certo? Nem uma só palavra realmente sua? Hein? Nem mesmo uma letrinha só? Era o que eu pensava. O que se pode dizer, que dupla fantástica a nossa... Então agora anote depressa, por favor, antes que me escape: *E dentro de minha cabeça o tempo todo tem uma guerra vírgula as vespas não param de zumbir dois-pontos o que vai adiantar se você escrever ponto de interrogação, o que acrescentará ao mundo se imaginar ponto de interrogação e se realmente for obrigado vírgula então escreva apenas os fatos vírgula o que tem a dizer além deles ponto de interrogação escreva-os e cale-se para sempre dois-pontos na hora*

*tal e tal vírgula no lugar  
tal e tal vírgula meu filho  
vírgula único vírgula com  
onze anos e meio  
ponto o menino  
não está mais  
ponto*

ANOTADOR DOS ANAIS DA CIDADE: E a estas últimas palavras, com as duas mãos e uma força terrível ele golpeou a mesa, e seu rosto se contorceu numa dor tão intensa que por um momento me pareceu, Vossa Alteza, que ele golpeará o próprio corpo e a própria carne.

PARTEIRA:

Meu Deus, a dor que de repente  
dilacera meu ventre,  
minha filha,  
se eu apenas soubesse que também *l-lá*,  
quando você chegou,  
quando acabou  
de agonizar —  
a receberam mãos  
amorosas e uma toalha  
morna  
e olorosa, e alguém,  
ou algo, em cujo acalento  
você descansou  
no primeiro momento.

ANOTADOR DOS ANAIS DA CIDADE: Junto à estação ferroviária, no escuro, ao lado de uma casa quase a cair, está o velho professor. Sua cabeça prateada se apoia numa parede da casa como se ele lhe sussurrasse segredos. Num gesto autoritário, como se também desta vez só estivesse esperando por mim, ele me convida a sentar a seus pés na calçada. Dois mais dois são quatro, eu balbucio com ele, e logo sinto um alívio. Três mais três são seis. Quatro mais quatro — oito. Parece que minha presença lhe inspira vitalidade: ele rabisca exercícios na parede em movimentos rápidos, e seus olhos se iluminam. Cinco e cinco são dez, eu repito com ele, cantarolando, curvando o pescoço para trás para vê-lo ali de pé sobranceiro. As abas de seu paletó esvoaçam quando ele salta de exercício em exercício, sua voz fica suave e fina, tenho a impressão de que meus pés não chegam até o asfalto e que posso balançá-los, dez e dez são vinte, eu exclamo com entusiasmo, e da janela no segundo andar alguém joga em nós um líquido fedorento e grita que deixemos as pessoas dormir.

Eu me levanto e fico de pé ao lado do professor. Estamos os dois molhados e constrangidos, como

se tivéssemos sido pegos numa tentativa idiota de fugir da prisão. O pequeno e enrugado professor parece de repente um bebê. Se eu pudesse tocar em alguém, eu o tomaria em meus braços e o acalentaria, cantando para ele até que adormecesse. Por isso abro meu caderninho, e na voz mais protocolar que sou capaz de extrair de mim eu lhe peço que especifique.

VELHO PROFESSOR DE MATEMÁTICA:

... e ele não tem brechas? Eles  
pressionam, os que perguntam:  
ou rachaduras  
ou sulcos?

Não.

E você pode  
tocar nele?

Não há como tocá-lo.

Mas diga: ele é compacto  
ou oco, da sua vida  
o grande fato? É relaxado  
ou tenso?

Não, não, respondo contrito, ele  
está aqui, está  
aqui!

Mas isso você já disse!

Sim, estranho como é pouco  
o que tenho a dizer  
quanto a isso.

Impressionante  
e frustrante, eu sei,  
mas ele, ou seja, “isso”,  
ou seja, a morte  
de meu filho, de Michael, há  
vinte e seis anos, num acidente  
bobo (uma brincadeira que se complicou,  
uma banheira, e uma navalha afiada,  
veia seccionada,

enquanto  
brincava) —  
isso como que engole,  
põe para dentro as palavras  
e o bom senso,  
todas as chaves.  
E só uma coisa  
resta permanente  
e firme:  
ele, o fato.  
Aqui.

Se eu for ou se eu voltar,  
se me levantar ou deitar —  
isso está aqui.

Quando estou só  
ou me sento na praça  
ou dou uma aula sofrida  
isso está aqui  
preenchendo-me assim  
sem medida  
não deixando às vezes lugar  
nem para mim.

Sim, é o que eu queria dizer  
(e talvez o senhor deva escrever):  
que não tenho lugar  
para mim, nem para  
respirar. Sim,  
a questão é essa:  
uma respiração  
sem pressa,  
respirar  
profundamente,  
completamente  
e simplesmente,  
sem o espasmo crucial  
de horror  
abismal —

Mas sobre a coisa falada

(já mencionada, em suma) —  
coisa alguma,  
nada.

O CAMINHANTE:

E se me lampeja a memória —  
você faz as lições na cozinha,  
ou sorri na praia, numa foto antiga,  
ou apenas dorme em sua cama —  
logo eu desperto  
para viver  
o que era um minuto antes,  
o que foi um minuto depois,  
antes de ter capturado você na lembrança,  
depois que o fotógrafo a congelou.

Eu lhe faço uma massagem:  
para que seu semblante se espraie  
num sorriso,  
e lentamente persiga  
um devaneio.

Que os olhos se iluminem de repente,  
que mudem de cores  
na luz,  
cheios de irada paixão  
ou estupefação,  
ou conspiração.

E assim você caminha no quarto  
para cá e para lá e ao sabor do dia,  
pequenas ondas  
de graça  
e candura e juventude  
movem-se sob a sua pele,  
na testa se agita seu cabelo  
claro.

E agora vai se virar para mim e dizer:  
mas pai,  
você não compreende —

Ou quando dorme, coberto com um lençol  
seu peito a subir e descer,

sobe  
e desce,  
e de novo sobe  
(ah,  
demais eu pedi.  
Percebi.  
Castigo eu sofri).  
E no entanto, meu filho,  
enfim,  
você se move,  
você se move,  
em mim.

CENTAURO:

E às vezes eu faço joguinhos  
com ela, com aquela  
maldita, provocações verbais: “A morte  
morre”, eu pisco para ela, como  
se fosse um joguinho  
de nós dois: “A morte será morrida, ou  
talvez, se morrerá? Morrer-se-á?  
Morrificará?”. Conjugo com ela, pacientemente,  
mais e mais, tentando, repassando, “nós  
nos morrificamos, vós  
vos morrificareis, elas se morrificarão”, lutando  
com ela assim, que mais posso fazer,  
nem escrever nem  
viver, pelo menos  
a língua  
ficou, pelo menos ela ainda é um pouco  
livre. Permitida... é sábia  
a língua, verdade, meu barnabé? Cheia  
de mistérios e alusões  
e liberdade. Veja a palavra  
“paiei”, fui pai,  
“Quão tanto  
eu paiei  
meu filho” —

ANOTADOR DOS ANAIS DA CIDADE: Conte-me sobre o berço.

CENTAURO: Como é? *O que você disse?*

ANOTADOR DOS ANAIS DA CIDADE: O berço. Na grande pilha, atrás de você.

CENTAURO: De todo coração, funcionário infeliz, espero que meus ouvidos me tenham enganado.

ANOTADOR DOS ANAIS DA CIDADE: Tem dois patos desenhados nas cabeceiras.

CENTAURO: Que pena, funcionário, você estragou tudo.

ANOTADOR DOS ANAIS DA CIDADE: Seus ombros começam a inflar. Seu rosto também. Minha aposta fracassou. Ele se esforça por se afastar da mesa e se levantar da cadeira. É preciso dar o fora daqui, depressa. Nunca o vi a não ser junto a sua mesa. Na verdade, até este momento, nunca o vi de pé. Lembro-me das coisas que li sobre ele nos arquivos da cidade. Esta é a hora de fugir, mas minhas pernas não me obedecem. Ele vai crescendo diante de mim. Vai se levantar, isso é evidente, se levantar e arrancar com ele a casa inteira, romper o telhado. Os brinquedos e as roupas e os outros sedimentos da infância que aqui estão vão virar pó e voar para todos os lados. Pena. Pena. Estava quase começando a gostar dele. Ele suspira, o rosto trêmulo. Enquanto isso eu ouço lá junto a ele, bem dentro do quarto, fortes pancadas e também um rangido estranho, como uma grande unha córnea arranhando uma lajota. Fecho os olhos e digo pressurosamente para mim mesmo que é só a mesa, é só a mesa que range assim. Um pensamento lampeja em mim: ele vai se levantar da cadeira, puxar-me para dentro de seu quarto e me devorar lá. E mais um pensamento: esta mesa tem ferraduras nos pés.

CENTAURO: Para o inferno! Para o inferno. Nem mesmo ficar de pé? É uma merda! Merda!

ANOTADOR DOS ANAIS DA CIDADE: Sua cabeça descai sobre o peito e ele chora, juro, ele chora. É melhor eu ir embora. Assim não vou envergonhá-lo. Espero mais um instante e vou. Seus ombros se sacodem em tremores rápidos, partidos. Ele cobre o rosto com as mãos. Eu fico contando as fendas e rachaduras da calçada. Corrijo alguns erros em minhas anotações no caderninho. Depois, sem alternativa, começo a prestar atenção nas diferentes camadas de seu choro, até que encontro aquela que me é tão conhecida. Eis aí, se fosse eu a chorar, assim seria meu choro. Presto atenção. Desde o momento em que aquilo aconteceu a minha filha proibi a mim mesmo qualquer tipo de autopiedade. Isso exige, evidentemente, uma certa medida de autocontrole e uma permanente vigilância. Até durante a noite. No entanto, não posso proibir o Centauro de chorar. É uma questão particular dele, mesmo que, por alguma razão, ele teime em chorar usando a minha voz. Tento adivinhar o que faria minha mulher numa situação dessas. Ergo-me na ponta dos pés. Minha mão paira no ar por cima de sua cabeça. Essa mão que não tem o direito de tocar em ninguém, uma pobre mão, impura, a mão de

um medroso. Respiro profundamente, fecho os olhos e acaricio seus cachos. “*Shhh, shhh*”, eu lhe digo.

Sobre ele desce o silêncio. O silêncio paira em toda a cidade. Não ousou me mexer. Assim, enquanto minha mão pousa sobre a cabeça do Centauro, ouço de repente, muito perto de mim, exatamente no lugar em que minha mão toca em sua cabeça grande e suada, a voz do homem que anda pelas colinas.

O CAMINHANTE:

No primeiro ano  
após, quando estava em casa  
a sós, eu chamava às vezes você  
pelo nome que usávamos em  
sua infância.

Com uma força que não havia em mim,  
num desvario, eu injuriava  
a alma, o corpo vazio, eu fundia  
nessa palavra curta,  
almejada,  
todos os póis da magia:  
do lar o aconchego,  
o sossego,  
rotina, uma certa  
indiferença...  
e eu então chamava  
num acaso  
premeditado:  
U-i?

Se o fazia com esmero, assim esperava,  
(visionava, tramava),  
você não poderia deixar  
de responder a tal  
simpleza, que atravessava  
fronteiras  
e mundos —

eu diria “U-i”, e você  
deslizaria até aqui e se concretizaria  
facilmente, eco  
de meu chamado,

como uma pequena preamar  
a transbordar  
de lá  
para o real. E seria esta  
a sua resposta,  
natural e factual,  
como a resposta  
da expiração  
à inspiração,  
reverência fina  
à milagrosa força  
da rotina.

Ah, eu lhe diria,  
está a fim de assistir comigo  
a um jogo? Talvez  
sair numa curta  
caminhada, juntos?

Como pôde ser, meu menino,  
que de todas as palavras  
e outras mais,  
existe uma  
à qual jamais,  
jamais  
você responderá?

ANOTADOR DOS ANAIS DA CIDADE: “Mas onde fica lá?”, pergunta minha mulher no dia seguinte, na hora de nosso passeio vespertino, ela na rua, eu seguindo atrás dela, escondido entre as sombras: “Onde está este lá para o qual ele está indo? Quem acredita que existe tal coisa, lá?”.

Assim, durante a tranquila caminhada, ela lança essas palavras ao espaço! Minhas pernas quase fraquejam de tanta surpresa. Olho em volta para ver se alguém a ouviu, mas por sorte só ela e eu estamos na rua a esta hora.

“Talvez lá já esteja há muito tempo aqui?”, ela continua, e fico ainda mais perturbado com a nota prosaica na sua voz: como se fosse uma conversa trivial na cozinha de nossa casa.

“E talvez nós talvez estejamos um pouco lá, desde que isso nos aconteceu?”, ela diz se empertigando, e tenho a impressão de que seus passos ganham um novo ímpeto: “E talvez lá sempre estive aqui e não sabíamos?”.

Um vento frio está soprando. Ela envolve o pescoço num xale, mas seus belos ombros ficam desnudos. Ela faz isso para mim. Hoje é meu aniversário, Vossa Alteza, e ela sabe o quanto eu gosto

deles, dos ombros dela.

“E se for assim”, ela respira profundamente: “então talvez, talvez também ela esteja aqui conosco, em cada minuto?”.

Ante a força pungente dessas palavras, nós dois nos detemos.

“Imagine você”, ela sussurra.

Continuamos a caminhar, ela à frente, eu na sombra das casas, entre os quintais escuros, e nada dentro de mim.

VELHO PROFESSOR DE MATEMÁTICA:

*“Um pai não viverá mais do que seu filho”,*

eis uma regra cuja lógica

sensata está plantada

não só na vida das pessoas, mas

também, como se sabe, na ciência

da óptica, onde

(no espírito do reverenciado

Spinoza, lapidador de espelhos)

achamos um teorema

muito ousado: *“Jamais*

*poderá um objeto (a vida do filho)*

*se encontrar no universo*

*a uma distância*

*da qual o pai (‘o sujeito*

*contemplante’) poderia*

*abarcар num só olhar*

*ele inteiro*

*do início ao fim”.*

Pois se não for assim

(e isso acrescento eu),

o sujeito contemplante

vai virar,

de uma só vez,

um bloco

de lignito

(que também chamam, e eu abono,

de “carbono”).

ANOTADOR DOS ANAIS DA CIDADE: Agora, dia após dia, o andar desse caminhante se torna mais obstinado. Por momentos parece, Vossa Alteza, que uma força inominada paira em torno da cidade,

envolvendo-a, e como alguém a chupar um ovo por um furinho em sua casca ela suga essas e outras pessoas, de dentro de cozinhas e praças e piores e camas. (E será verdadeiro o boato estrondoso, estonteante, Vossa Alteza, de que até mesmo das câmaras de um palácio?)

Também a mulher no alto do campanário — de vez em quando levanto meus olhos e a vejo lá, entre as nuvens, a trança desfeita e o cabelo prateado esvoaçando para todos os lados — também ela às vezes tem de se segurar com as duas mãos na coluna do campanário, para não ser arrastada nessa cega tempestade. Agora, por exemplo, sua boca está aberta, e não sei se está gritando em silêncio, ou engolindo avidamente palavras que lhe assomam e vêm —

O CAMINHANTE:

Como quando o feto emerge do útero  
e do corpo da mãe,  
sua morte fez de mim um pai  
que não  
fui jamais —  
abriu  
em mim um rasgo, uma ferida  
e um vácuo, mas também me preencheu  
de sua essência,  
que desde então em abundância  
irrompeu em mim,  
nunca houve uma vivência  
como tal —  
mortal, pois, ao morrer,  
ele me fez  
capaz  
de o conceber.

Sua morte  
fez de mim uma pele decídua  
e vazia de pai, e também  
de mãe —  
e sua morte me desnudou  
um seio  
para um lactente ausente,  
e nas paredes de meu útero que  
se entalhou no dia aquele  
sua morte riscou com as unhas  
de um prisioneiro fugitivo  
a contagem dos dias

sem ele.

Sim, com um cinzel transparente,  
sua morte  
gravou, como é mister:  
o enlutado  
será sempre  
uma mulher.

ANOTADOR DOS ANAIS DA CIDADE: E na noite do dia seguinte, eu e minha mulher estamos novamente em nosso passeio de sempre. Por entre as casas da cidade avistamos de vez em quando a pequena caravana que percorre as colinas, na linha do horizonte.

MULHER DO ANOTADOR DOS ANAIS DA CIDADE: Nos últimos dias tenho a impressão de que sobre suas cabeças, no ar, há uns lampejos assim, avermelhados, como uma corrente de brasas flutuando acima deles...

ANOTADOR DOS ANAIS DA CIDADE: Como de costume, é ela quem determina o ritmo da caminhada. Quando ela se detém, eu também paro onde estou. Às vezes, quando ela está absorta em seus pensamentos, eu tenho de entrar em um dos quintais e me agachar atrás de uma cerca, rezando para que não haja ali um cão. Neste momento ela está contemplando longamente as estranhas brasas, e eu, como sempre, estou contemplando *ela*. A diáfana luz da Lua cai sobre seu rosto. Ela já foi tão bonita. É bonita agora também.

Quando chegamos finalmente a sua casa, ela abre a porta, mas esta noite, ao contrário do habitual, se detém na entrada, vira-se em minha direção e olha dentro da escuridão, como se adivinhasse onde exatamente eu me escondo. Sinto o sopro que vem da casa chegar até mim, e ele é morno e oloroso. Ela abraça seu corpo com as mãos e suspira baixinho. Pode ser que eu esteja enganado, mas talvez seja seu jeito de me dizer que gostaria de se atirar sobre mim aos gritos, com os dentes arreganhados, me bater com punhos raivosos, arrancar minha pele com suas unhas.

Ela fecha a porta lentamente. Recolhe-se em sua casa. Ergo os olhos para as colinas.

O CAMINHANTE:

E ele mesmo,  
ele está morto,  
isso eu já sei,  
já sei dizer — embora  
sempre num sussurro — “o menino  
está morto”, eu compreendo,  
quase,  
o sentido

desses sons —  
o menino  
está morto,  
reconheço com isso,  
nessas  
palavras, a  
verdade, ele está morto,  
eu sei, sim.  
Eu reconheço, ele  
está morto, mas  
sua morte —  
sua morte  
se avoluma  
e atenua  
e tempestua,  
não  
é quieta  
sua morte,  
é muito  
in  
quieta.

VELHO PROFESSOR DE MATEMÁTICA: ... com base em minhas observações eu creio, meu rapaz, que só pessoas de um certo tipo podem percebê-lo, o fogo ardente. É assim que eu chamo, comigo mesmo, essas brasas misteriosas.

ANOTADOR DOS ANAIS DA CIDADE: Eu o encontro novamente por acaso, esta noite, às três da madrugada. Desta vez não está escrevendo exercícios no muro: cansado, quase exausto, no escuro, está sentado no banco de rua sobre o qual eu havia dormitado. Depois de alguns momentos em que ficamos os dois constrangidos, e depois que consigo fazê-lo lembrar, finalmente, que fui seu aluno na primeira série, e que na aula dele encontrei a menina que viria a ser minha mulher, subimos os dois no banco e por algum tempo contemplamos o fenômeno.

VELHO PROFESSOR DE MATEMÁTICA: Meu coração me diz, meu jovem, que, no momento em que Adam percebe o fogo ardente, é seu destino levantar-se e ir até ele.

ANOTADOR DOS ANAIS DA CIDADE: Enquanto fala, seus grandes pés estremecem, fazendo tremer o banco de madeira. Também meus pequenos pés ficam de repente inquietos. Falo com ele de coração. Digo que houve uma vez um tempo no mundo em que minha filha não existia nele. Ainda não existia. E também não existia a alegria que ela me trouxe, e não existiam esses sofrimentos. E eu

quero que ele me olhe com aquele seu olhar vago, confuso, no qual tudo é possível. E que de novo me chame à parede de uma casa e me passe um interminável exame de soma e subtração. Penso: quem sabe ele também sonha em voltar a ser um jovem e ingênuo professor? E quem sabe chamo minha mulher até aqui para juntos formarmos uma pequena turma que não saberá o que é tristeza? E já começo a cantarolar o “dois e dois são quatro”, mas ele pula de repente do banco — me admiro de quão ágil ele ainda é — e fica ali um instante, olhando para seus pés agitados, depois estende as mãos para mim numa desculpa, vira-se e se afasta murmurando para si mesmo —

VELHO PROFESSOR DE MATEMÁTICA:

Eu vou cair,  
agora vou cair?  
Não caio, é minha sina.  
Eis a sombra fina  
e rala da neblina,  
e o frio  
sobe  
da escura ravina —  
agora,  
agora  
cairei —

MULHER DO ANOTADOR DOS ANAIS DA CIDADE:

Eis que agora  
vai terminar meu coração —  
e não  
termina —  
eis a sombra fina  
da neblina —  
agora?  
Agora cairei?

ANOTADOR DOS ANAIS DA CIDADE: E ela se foi! Foi embora! De repente apareceu a meu lado na rua, saindo da escuridão, e de repente também se foi e se afastou de mim, sem ter sequer me visto, andando como uma sonâmbula atrás do professor. Deito imediatamente no banco e me encolho com toda a minha força. Estou com muito frio. Tento adormecer. Não adormeço. Não sei o que vou fazer hoje comigo mesmo, e o sol ainda nem nasceu. A cidade está deserta de fazer medo. Eu vagueio pelas ruas. Não há ninguém. Corro para o cais, vasculho pilhas de redes fedorentas e de algas secas — não há ninguém. Para onde irei? Lá, nas colinas, as pequenas brasas cintilam esta noite como se em cada uma delas batesse um coração. Num pátio escuro na extremidade do mercado está um velho burro cinzento, comendo de uma manjedoura. Aproximo meu rosto de sua pelagem, nela esfrego minha

boca. Para minha surpresa ela é macia, ainda mais macia que o cabelo do Centauro. Será que as coisas no mundo se tornaram mais macias em minha ausência? O burro para de mastigar. Ele me espera. Sobre aquilo que aconteceu com ela, com minha filha, sou proibido de falar seja com quem for — explico para ele — e para dizer a verdade me é proibido até mesmo lembrar dela, apesar de nem sempre eu resistir a isso, principalmente desde que aquele homem começou a andar em volta da cidade. O burro vira sua cabeça para mim. Seu olhar é inteligente e cético. Sim, sim, eu sussurro, nem mesmo me lembrar dela, imagine só. Ele mexe as orelhas com espanto. É o duque, eu digo, abraçando seu pescoço, foi ele quem me ordenou, num despacho ducal, abandonar minha casa, andar dia e noite pelas ruas e anotar as histórias que as pessoas da cidade contam sobre seus filhos. E foi ele também quem me proibiu — numa ordem expressa! — lembrar-me dela, da minha filha. Sim, logo depois que aconteceu ele me deu essa ordem, depois que ela se afogou, quer dizer, minha filha, Chana, afogou-se diante de meus olhos, no lago, e eu não consegui, ouça, havia ondas muito altas, gigantescas, e eu não... o que poderia...

Você não acredita em mim. Você move as orelhas com descrença, até as cruza, como se descartasse a possibilidade... Sei exatamente o que está pensando agora: *O duque? Nosso bom e gentil duque? Não pode ser!* Todos na cidade pensam assim, e para dizer a verdade, eu às vezes também penso assim. Pois talvez você também tenha ouvido, aqui e ali, que uma vez já fomos bons amigos, eu e o duque, amigos de corpo e alma de verdade, sim, eu fui seu bobo da corte, durante vinte anos, até me acontecer a tragédia, seu bobo preferido e por ele amado... e pensar que exatamente ele, exatamente ele me deu uma ordem tão terrível... como pôde sequer pensar numa coisa assim?

Meus lábios de repente estão trêmulos, e o burro inclina a cabeça e os fita atentamente. Temo que leia neles palavras que prefiro guardar para mim mesmo, ou que, segundo a ordem ducal, sou proibido de pronunciar até se estou sozinho, e mesmo de lembrar, ainda que só por alusão, só por uma palavra, ou de pensar em quem ela seria hoje, se apenas pudesse estar aqui. Não imaginá-la de nenhum modo, e não sonhar com sua imagem. Também foram proibidas as saudades, os anelos etc. Ou palpitações súbitas do coração, ou contrações de intestinos a se revolverem, e nisso está incluído qualquer tipo de lamentação, desde o pranto até um leve soluçar durante o sono. Sou um ser desmemoriado, burro, abstinente de minha filha, prisioneiro numa pequena e isolada cela na prisão de meu espírito, como no poema que lemos uma vez juntos, o duque e eu, *“Minha vida, que amava o sol e a lua, parece algo que não aconteceu”*.

SAPATEIRO:

Do que havia  
de mim —  
só restou  
o movimento, só isso  
posso hoje lhe ofertar,  
minha filha,  
só o movimento  
a se esgueirar

no silêncio  
em que você  
está confinada, só isso,  
só assim saberei  
hoje, minha filha,  
ser para você  
um pai —

PARTEIRA:

Eu estava na janela,  
minha filha, de noite,  
sozinha, a me  
esvair. Como  
num sonho ouvi  
uma v-v-voz  
distante me dizer  
subitamente, em minha língua: *Só isso,  
minha filha, só assim hoje  
saberei ser para você  
um pai.*

S-sab-sabia: é  
o sinal, s-saí  
de casa, fui para  
as colinas, fechei  
os olhos, apaguei  
o olhar, deixei o fogo ardente  
me levar.

*Só assim  
hoje saberei ser  
para você  
um pai —* apressei-me  
corri para ele  
para o homem  
pe-pesado,  
lento, indolente  
que falou  
em minha língua  
de repente.

ANOTADOR DOS ANAIS DA CIDADE: Eles caminham pelas colinas, e eu atrás deles, numa corrida

ininterrupta entre eles e a cidade. Eles gemem, tropeçam e se erguem, um se segurando no outro, carregando com eles os que dormem, adormecendo eles mesmos, noites, dias, dando mais e mais voltas à cidade, na chuva e no frio e no sol ardente. Quem sabe até quando vão caminhar e o que vai acontecer com eles quando despertarem de sua loucura. O duque, por exemplo, quem poderia acreditar, caminha ombro a ombro com a cerzidora de redes, e mais de uma vez nele se enredam as redes esvoaçantes. E o velho professor, com o fino e branco halo de seu cabelo, caminha com agilidade, como sempre, pulando de pé em pé e movendo a cabeça para os lados numa curiosidade imensa, mesmo quando dorme. E o sapateiro e a parteira, de mãos dadas, caminham com os olhos fortemente cerrados, como se guiados por uma obstinada decisão. E na extremidade dessa curta procissão, minha mulher, se arrastando em suas pernas pesadas e respirando com esforço, a cabeça pendendo sobre o peito e sem ninguém a segurar sua mão.

DUQUE:

Ao caminhar, sonolento,  
uma visão em mim cintila, de um sonho o fragmento:  
uma terra árida, estéril, frio vento  
e bruma, e um agônico lamento  
varando a superfície  
do deserto —

PARTEIRA:

E ali, a f-forma  
de um p-penedio  
montanhoso, redondo, escorregadio,  
e dentro de um sonho, ou m-meio  
desperta, digo a mim mesma  
o-olha, mulher,  
essa é a coisa, isso é tudo,  
a solução da grande charada,  
a sagrada,  
e mais do que isso  
não há,  
além disso  
não há nada.

SAPATEIRO:

Uma montanha-medula  
escalvada,  
de aspecto terrível,  
palpita talvez

uma vez  
em mil  
anos —

MULHER DO ANOTADOR DOS ANAIS DA CIDADE:

É a medula do universo,  
fria, gelada  
ela é. E ele,  
o lamento,  
não é dela que  
vem. Ele  
é o caos, somente o caos  
surdo e mudo,  
indiferente a tudo  
ele é, e vazio  
de lamento,  
de qualquer pensamento,  
e nele não há  
resposta, amor ou  
sentimento —

DUQUE:

E você, pegue  
uma enxada e prepare um canteiro,  
e nele plante uma luminária, um travesseiro,  
e uma carta, de um rosto amado o retrato  
e meias grossas, e um prato  
depois, e luvas e uma pasta, e um lápis  
talvez, e um pincel, e um livro aberto  
ou dois, e um par de óculos  
bons, para que possa  
enxergar de longe  
e enxergar de perto.

ANOTADOR DOS ANAIS DA CIDADE: Conte-me sobre o cavalo de pau.

CENTAURO: Você outra vez? Nunca vai se calar?

ANOTADOR DOS ANAIS DA CIDADE: Conte-me sobre a bola de futebol, sobre o chapéu de caubói.

Conte-me sobre os aniversários, sobre a varinha mágica, sobre a pipa azul —

CENTAURO: Você está me torturando.

ANOTADOR DOS ANAIS DA CIDADE: Conte sobre o barquinho de brinquedo.

CENTAURO: Ferro-velho! Cascas de recordações!

ANOTADOR DOS ANAIS DA CIDADE: Conte-me ao menos algo sobre o berço.

CENTAURO: E que tal, para variar, você contar algo sobre você mesmo? Já há algumas semanas você vem até aqui dez vezes por dia para me interrogar, me revirar ao avesso como uma luva, e você mesmo — nada! Funcionário! Cumpridor de ordens! Escondendo-se por trás do despacho do duque, que qualquer imbecil pode ver a olho nu que é forjado, ainda mais com essa figura ridícula do duque, com a coroa, realmente! Você podia se esforçar um pouco, até um menino do jardim de infância desenha melhor do que você!

Está bem. Entendi. Eu também sei ficar calado. Veja, estou calado. Pedra. Esfinge. Você também, aliás, não está com muito bom aspecto nestes últimos dias, mas eu definitivamente estou descarrilando, isso sim, não é difícil perceber. O que está acabando comigo é essa luta com ele, maldito seja. Veja, estou reconhecendo isso. E essa coisa idiota que me aconteceu com esta mesa, ahn? Com certeza você ouviu as histórias a meu respeito que circulam pela cidade, ahn? Só isso bastaria para você parar de me importunar com suas besteiras... Você não tem pena de um pobre centauro? E ainda por cima enlutado? Venha, olhe para mim, não, sério, suba aqui na janela, com as duas mãos, não tenha medo! O que mais eu lhe poderia fazer que você já não fez a si mesmo...

E então? Bonito, não? Estético. Alguma vez você viu um híbrido como esse, uma maldição como essa? Metade-escritor-metade-escrivantina? É isso. Já pode descer. *Finita la tragedia*. O que diz você? Encantador, hein? Eu não lhe disse que não há prazer maior do que o inferno dos outros?

ANOTADOR DOS ANAIS DA CIDADE: Seu filho um dia se deitou nesse berço.

CENTAURO: E agora ele tem outro berço.

ANOTADOR DOS ANAIS DA CIDADE: Ajude-me, Centauro. Essas pilhas que você tem aí estão me deixando louco.

CENTAURO: Eu nunca mais sairei daqui.

ANOTADOR DOS ANAIS DA CIDADE: Há treze anos eu perdi minha filha.

CENTAURO: Nestes últimos dias, quando você já era um espinho em meu traseiro, comecei a adivinhar algo assim.

ANOTADOR DOS ANAIS DA CIDADE: Não posso falar sobre ela.

CENTAURO:

Eu fiz este berço  
com minhas duas mãos. No dia em que ele  
nasceu, com madeira  
de carvalho. Minha mulher desenhou  
os dois patos. Como ficou bonito  
seu desenho. Era uma mulher  
tranquila e delicada. E ela me abandonou,  
três anos depois do filho. Eu também,  
se apenas pudesse, abandonaria  
a mim mesmo. Adam, era seu nome.  
Adam. Eu o pus  
no berço assim que  
nasceu. Ele ficou  
de olhos abertos, olhou  
para mim como a me estudar  
com seu olhar.  
Era tão sério! Em toda a sua vida  
foi assim. Em toda a sua curta  
vida. Sério e também  
solitário, um pouco. Amigos  
quase não tinha. E gostava de ouvir  
historinhas. E delas  
criávamos alegorias,  
ele e eu, fantasias,  
e máscaras. Você perguntou  
sobre o berço. Minha mulher  
o forrou com panos  
macios, mas adormecer  
ele só queria  
comigo, neste meu  
peito. Num tal aconchego, de repente  
eu me lembro, não ria,  
do som especial que eu fazia  
para adormecê-lo em mim, um murmúrio,

um canto, tranquilo, profundo, um augúrio,  
um acalanto, hmhhh...  
hmhhh...

ANOTADOR DOS ANAIS DA CIDADE: Perdão, excelência, importa-se se eu também...

CENTAURO: Pelo contrário... hmhhh...

ANOTADOR DOS ANAIS DA CIDADE: Hmhhh...

CENTAURO E ANOTADOR DOS ANAIS DA CIDADE: Hmhhh...

O CAMINHANTE:

Caminho, caminho,  
nem desperto nem  
dormindo, caminho  
e me esvazio  
de meus pensamentos,  
de meus arrebatamentos,  
de meus sofrimentos, de meu ardor,  
de meus segredos,  
do meu aguerrimento,  
de tudo que seja eu —  
me olhe, meu filho,  
e eis que não estou.  
Só um projeto de vida eu sou,  
que chama você, para vir,  
e por meio de mim existir —  
acontecer, e mesmo que somente  
por um instante, de novo se unir  
ao existente.  
Venha, sem mais demora,  
seja,  
não estou aqui agora,  
a casa é sua  
mobiliada com todos os órgãos,  
jorre para dentro deles e se integre,  
o sangue agora é seu sangue e os músculos  
são seus músculos, venha,  
ganhe existência,

estenda seus braços  
de uma ponta a outra do mundo,  
ria de dentro de minha garganta, grite, se agite  
e faça bobagem,  
por breve instante tudo agora é possível,  
tudo agora é *sim*,  
ame, se inflame, deseje,  
transe, enfim,  
meus cinco sentidos famintos estão  
a suas ordens como cinco  
garanhões espumantes,  
pateando, pateando  
para galopar  
até o seu fim, meu menino —  
não pare,  
seu tempo é curto, contado,  
e minhas pálpebras já começam  
a estremecer,  
dentro de um instante voltarei para casa,  
mais um momento e minha pupila se contrairá  
ante a lógica estrita. Depressa, prove  
de tudo, apresse, seja profundo,  
triste,  
resoluto, gentil, grite,  
estremeça de prazer e de esforço,  
meu prazer é seu, e também minha força —  
encante, faça fluir sua alma,  
seja o impulso de quem semeia,  
torrente de cereais em grão  
e de moedas de ouro a jorrar  
como a luz —  
seja repleto como uma teta,  
e forte  
como o meio-dia, e também se enfureça,  
ferva, cerre a mão sobre o punho até  
incharem as artérias em seu pescoço,  
e palpitante seja, como um coração, uma garota,  
seja aberto, de fina pele, iluminado  
na esplendorosa claridade  
do que só acontece uma vez,

quebradiço e intacto, efêmero  
seja você na eternidade.

E sendo assim, interrompa de repente sua corrida, respire, aspire, sinta o ar queimar em seus pulmões, passe a língua em seu lábio superior, prove o sal de um suor sadio, o prurido da vida, e agora diga de boca cheia: eu — (inferno, agora eu percebo:

este pronome também  
se perdeu e morreu  
com você, e para mim você deixou  
somente o “ele”, “você”, “nós”  
e ninguém mais  
vai dizer “eu”  
com sua voz.

Isso também, isso também.)

Mas depressa, meu filho,  
a aurora já desponta, o encanto  
logo vai esvaecer; ame,  
e mesmo se for traído,  
mesmo se provar o veneno  
da humilhação, ame,  
tenha coragem, mas seja também covarde,  
seja tudo, toque na derrota,  
no fracasso, magoe também,  
desaponte  
e minta —

depressa, meu filho, passe por tudo isso,  
só há tempo para um leve roçar,  
tão curto o decorrer de uma ilusão  
assim, mas você vai tocar, acariciar  
um corpo quente, uma mulher,  
opulência de seios em suas mãos,  
cabeça de um menino que nasceu,  
que você não teve.

Depressa, depressa, eis a primeira faixa  
de luz —

veja o mundo, Nova York que você não viu,  
Paris, Tananarive, tantas faces  
tem o mundo  
que vive —

não, não, pare —

já é tarde,  
volte  
para seu descanso,  
depressa,  
o escurecimento,  
o esquecimento,  
só não veja  
com meus próprios olhos  
o que aconteceu  
a você.

OS CAMINHANTES:

*Nossos pés  
lentamente se destacam  
da terra leves  
leves  
flutuamos  
entre lá e cá entre a lucidez  
e o sono mais um breve instante  
o fio  
será cortado e então poderemos pairar  
e olhar  
para tudo que é possível  
tudo que é permitido  
ver  
somente quando se anda  
dentro  
de um sonho*

ANOTADOR DOS ANAIS DA CIDADE: Dormem... Já há alguns dias eles dormem quase o tempo todo, como se adormecessem a si mesmos... dormem e andam, falam um com o outro em seu sonho, as cabeças apoiadas em quem anda ao lado e eu não sei quem carrega quem e de onde vem a força que os faz andar —

DUQUE:

*... Às vezes, quando estou  
sozinho, em minha alcova,  
descalço os dois sapatos  
e olho para  
meus pés, e penso  
que são  
ele.*

VELHO PROFESSOR DE MATEMÁTICA:

Eu bati

nele. Ele era  
um rapaz teimoso, e atrevido,  
e já quando criança  
tinha ideias  
estranhas, e eu — quem poupa  
sua vara odeia  
seu filho — fui  
obrigado  
a bater nele. E quando ergueu  
a mão defendendo  
o rosto, eu  
lhe bati  
na barriga.

O CAMINHANTE:

Mas onde você está, por que não responde,  
só isso me diga, meu filho,  
eu simplesmente pergunto  
onde?

Ou como um discípulo ante seu mestre  
(pois isso eu vislumbro agora  
muitas vezes em seu rosto),  
eu peço, vamos, me ensine,  
como uma vez, não faz muito tempo,  
eu ensinei a você  
o mundo  
e seus segredos,  
e desculpe se minha pergunta  
é boba, um tanto vaga, mas  
não se apaga  
pois há cinco anos me devora a alma  
como uma chaga:  
o que é a morte, meu filho?  
O que  
é  
a morte?

PARTEIRA:

A morte é grande e definitiva,  
minha filha, sua força

não tem l-limite, a morte  
é et-t-terna,  
imortal, e a sua,  
pequena, e uma só,  
está dentro dela —

SAPATEIRO:

Na verdade eu queria  
perguntar, como é,  
minha filha, quando a gente morre.  
E como está você  
lá.  
E quem é você  
lá.

DUQUE:

É uma ideia incrível, meu filho, mas  
e se agora você sabe  
muito mais do que eu?  
Talvez um mundo novo,  
maravilhoso,  
arrebate você em seu voo,  
e no ruflar de sua poderosa asa  
estenda a você  
sua infinitude, assim como  
nosso mundo aqui destilou  
então sua abundância  
em sua alma, uma alma  
juvenil  
e pura. De repente  
a sua frente  
eu me sinto  
tão jovem, tão pueril —

ANOTADOR DOS ANAIS DA CIDADE: De vez em quando por eles passa um tremor, em todos, um após outro, como se uma mão invisível deslizasse uma carícia ao longo da espinha daquela pequena caravana, detendo-se um pouco sobre a cabeça de cada um deles. Eles, em seu sono, se empertigam para ela como pintinhos cegos ao ouvir a voz da mãe, e através de suas pálpebras seus olhos brilham.

PARTEIRA:

Eu a vejo  
a pular e dançar na cozinha  
antes de ficar  
doente, quando ainda  
tinha forças. E o p-pai  
dela, meu homem, meu amado,  
meu sapateiro, se ajoelha  
ante ela e faz  
de suas mãos sapatos  
para os pés dela.

SAPATEIRO:

Estou sonhando?  
Meu Deus, veja  
como ela  
quase  
não mais  
gagueja!

PARTEIRA:

... e ele a leva  
pela casa nos sapatos  
de suas mãos, e ri  
até quase o teto voar, e ela  
abraça seu pescoço  
a gargalhar, só agora aprendeu  
a falar, você  
lembra, apenas começa a dizer  
as primeiras  
palavras dela.  
p-pai,  
m-mãe  
li-li-li-Lili.

SAPATEIRO:

Lilizinha,  
Lilizinha,  
mi-mi-minha.

OS CAMINHANTES:

*Caminhantes, é impossível,  
impossível ficar parado.  
O corpo não o permite. As pernas  
fraquejam, minha respiração  
é curta, e o corpo assim mesmo  
não concorda em parar e empurra  
de dentro, adiante... É como  
ir a um doce  
encontro, não é, senhora  
anotadora dos anais? Verdade,  
senhora na rede, é como  
um encontro  
com o ser amado.*

O CAMINHANTE:

Este buraco,  
esta ausência  
que só a morte  
como tal engendra —  
que não é  
desaparecimento  
ou término  
ou nada.  
Onde há também um último  
lugar, escancarado,  
como fresta de janela,  
onde ainda respira  
o ausente, ainda não consolidado,  
se debatendo, no qual se pode  
tocar *aqui*  
e ainda, quase, sentir,  
o calor da mão que toca  
*ali* —  
e este é o limiar, a última  
linha comum entre lá  
e cá, e só até ela,  
não mais, pode  
chegar vivo o vivente,  
e lá, talvez, sentir ainda  
o fim de seu fim,

ainda um sinal, a finda  
brasa ardente  
que se esvai  
se apaga e extingue  
no morrente.

VELHO PROFESSOR DE MATEMÁTICA:

Você tanto se tornou sua morte,  
que às vezes penso  
(perdão, estou cruzando alguma linha?  
Melhor calar? Perguntar? Não sei  
se você sabe, meu filho, sou um pouco  
um homem de maneiras, e de repente não estou certo  
de como devo tratar você... Melhor em segunda pessoa?)  
Mas diga, fale claro  
e não me poupe; assim,  
se lhe permitissem, *eles*,  
*lá* —  
se lhe deixassem  
escolher —  
você voltaria?  
Voltaria para cá?  
Para mim?

DUQUE:

Ou, como no poema de Rilke  
sobre Eurídice,  
você está todo entregue, meu filho, à morte  
nova, que o preenche,  
“*qual fruto cheio de dulçor e treva*”?  
E somente eu,  
Orfeu  
maçante cheio de saudade,  
arrasto você  
para cá,  
contra sua vontade?

VELHO PROFESSOR DE MATEMÁTICA:

Mais uma só, permite?  
(perguntar a quem mais

senão você, meu mestre  
em mistérios tais) —  
Diga-me só que coisa é essa  
em nós, a vida,  
por cuja trama  
nós sabemos  
estar completamente mortos  
num rompante, no mesmo instante  
em que morremos. E desistimos  
de tudo, e somos desistidos,  
como uma lei das profundezas,  
que nos tocaia sempre, dentro  
de nós mesmos, e de uma vez emerge  
e sobe como um vulto  
escuro dos abismos: nós ainda empoeirados  
em volta dos destroços  
já ela assume o seu lugar  
toda orgulhosa, na euforia  
da anfitriã de um tempo ido,  
e seu olhar petrificado, do qual  
não escapa nada, mas também  
enceguecido, proclama  
em triunfo  
num fio de sorriso, aberto —  
“A morte, meus amigos,  
é que é o certo!”

OS CAMINHANTES:

*Ao encontrá-los... o que lhes dizer  
ao encontrá-los? Eu, meus senhores,  
já decidi: não  
lhe falarei de seu irmão, do filho que  
tive depois dele. No quarto dela  
troquei todos  
os retratos. Não  
aguentávamos mais. Eu,  
por fim, a alma nua,  
dei seu cão  
a um menino  
na rua.*

(silêncio)

O CAMINHANTE:

E após algum tempo,  
o que quer que eu faça, você  
se petrifica,  
e mais e mais uma vez  
eu tenho de entalhar  
você  
das crostas  
de pedra em que você  
se funde, e eu preciso  
muito me esforçar  
para querer, sim —  
desentranhar  
da mesma forma a mim,  
lutar —  
enquanto todo o meu ser  
proclama, pare, melhor assim,  
deixe a natureza  
humana decidir  
o que permite, você já tem  
de aceitar dele  
o destino, você precisa  
respeitar o seu limite — — —  
Então, logo eu suspeito  
de mim mesmo: talvez no íntimo  
eu já deseje que você  
se petrifique?  
Que pare de sangrar.  
Que não esteja  
tão desperto e afiado,  
e temperado  
morto-eternizado.

Mas não menos doloroso  
é quando eu consigo:  
quando uma força imaginária  
irrompe até que o bloco

de pedra se rompe, se esfarela,  
se desprende e cai em volta de você,  
e então de repente —  
eis você:  
desnudo,  
esplendoroso, a brilhar  
dentro da pedra, ou mesmo  
sem brilhar, só de pé e relaxado  
e em paz, olhando para cá  
e para lá, embaraçado, sem saber  
que eu olho para você: presente,  
tão presente,  
e não descumpre, e não  
promete, só palpita  
com relaxada placidez  
o pulsar de sua existência. E quente  
na medida certa,  
e vivo —  
de enlouquecer.

OS CAMINHANTES:

*Quando nos encontrarmos, se  
nos encontrarmos,  
que direi a ele? Que  
direi a ela? Vocês  
acham que souberam?  
Souberam o quê? Que  
morreram.*

DUQUE:

Ele morreu em agosto, e quando chegou  
o fim  
daquele mês,  
pensava eu o tempo todo, como poderei  
passar a setembro  
se ele fica  
em agosto?

OS CAMINHANTES:

*Será que só vamos parar*

*diante deles, quando nos encontrarmos,  
sem dizer  
palavra? Talvez ele  
me diga que agora compreende  
que foi só  
para o seu bem  
que eu lhe bati?  
Talvez eu cante  
para ela a canção  
que cantava quando era  
um bebê? Só finalmente  
lá chegar, meu Deus. Tenho medo  
de que ele  
me seja estranho. Só estar  
com ela. “Toda  
noite a lua vê, enfim,  
as flores que brotaram  
no jardim...” Só  
estar lá  
com ela. Só  
estar. Tomara  
eu pudesse lhe levar,  
como resgate, um pouco  
de sopa de tomate.*

O CAMINHANTE: Não, não... não pode ser, não pode ser —

OS CAMINHANTES: *Não pode ser, não pode ser* —

O CAMINHANTE: Não pode ser que estas palavras estejam corretas —

OS CAMINHANTES: *Não pode ser, não pode ser* —

MULHER DENTRO DA REDE: Que eu tenha visto como jogavam meu filho dentro de um buraco na terra —

PARTEIRA: Tach, tach, tach — o som da enxada que cava a terra —

OS CAMINHANTES: *Não pode ser que essas palavras estejam corretas, não pode ser que elas sejam*

O CAMINHANTE: Simplesmente não pode ser.

PARTEIRA: Queimar! Queimar essas palavras! Queimar essas falas malditas!

OS CAMINHANTES:

*Olhamos para cima, soubemos  
logo para onde olhar, para o fogo, o pequeno  
fogo, o fogo  
perene, de dia e de noite caminha  
conosco, já nos acostumamos, eu,  
meus caros, o chamo: o fogo ardente.  
Esqueça. São apenas pequenas brasas,  
doces, não mais,  
não mais, olhe o fogo, por dentro, está  
vivo, como um vivente — — —  
Não se movam, esperem, não  
o irrite, ele se abre,  
estranho, agora  
se distende, lentamente  
estende as mãos, braços  
compridos, meu Deus, o que  
é isso,  
dedos estendidos —*

MULHER DENTRO DA REDE: Na terra! Na terra apodrece seu doce corpo!

OS CAMINHANTES:

*O ar estremeceu com um grito, as mãos  
do fogo se crisparam, imóveis um instante num torrão  
brilhante, ardente, e então voltaram  
a vertiginar, a florescer como uma flor  
selvagem, para súbito explodir  
lá em cima, torrente de fogo crepitante, a crescer  
em erupção, sobre nossas cabeças  
os dedos se abriram, linhas  
de fogo jorraram,  
romperam sombras,*

visões de repente  
como chicote estalaram, saltaram, capturaram  
quem,  
as palavras —  
As palavras? As palavras  
malditas,  
todos os não-pode-ser  
foram tragados, engolidos  
pelo fogo, tudo queimou  
na chama, soltamos  
um grito  
aflito, uma labareda  
amarela e negra  
se elevou de nosso imo,  
escapamos —  
paramos —  
gritamos —  
gelamos —  
e ele — labaredas,  
leões,  
dragões,  
serpentes, juramos  
calar  
e gritamos,  
vomitamos  
mistura de palavras, palavras  
terríveis, não pode  
ser, não  
pode  
ser, e ele —  
se avoluma, crepitante,  
o fogo como uma roda atrás de nós  
se incendeia, e já  
dentro de nós seus olhos vermelhos  
e negros se abrem  
e perscrutam, línguas  
ardentes, que venha,  
que queime, palavras  
malditas capture  
no ar, carbonize

lembranças, quadros  
que durante anos não ousamos  
contemplar, que coma, devore, fogo  
imenso, engolindo  
crestando, as  
vísceras  
consumindo,  
ai, latimos, uivamos  
ao fogo desvairado, tudo, leve  
tudo, queime até  
as cinzas, ai,  
sufocamos na borralha  
das palavras, na fomalha  
das palavras —

exaustos,  
vazios estamos  
e fraquejamos, rostos  
enegrecidos, e ele —

finalmente esfria  
e silencia,  
silêncio, a tênue chama  
se apaga, bem nutrida  
shhhh...  
e adormecida

(silêncio)

O quê, o que foi?  
Sonhei? Estava  
dormitando? Olhem  
para mim! Estou  
respirando! E uma leveza  
tal tão de repente  
nos membros, o corpo  
como a flutuar  
no ar... Diga,  
senhora, estou  
morto? Estou vivo?

E o seu rosto,  
mulher, toque, toque  
em mim, estranho, está  
liso, como  
era  
antes —

Eu quero —  
eu quero —  
eu  
quero, queremos  
despertar,  
despertar  
disso,  
despertar  
para a luz eu  
quero, mergulhar  
banhar-me  
todo em luz —

Vocês,  
vocês aí —  
que não escutam — que não  
respondem —  
que esmagam  
nosso coração — que sugam  
nosso sangue — mamam de nós  
cada gota de vida — cobram  
o imposto — imposto sobre o frio  
de vocês — sobre todo momento de riso —  
de luz — olvido —  
distração — vocês — em cuja voz toda palavra  
que dizemos aqui a nós é logo  
sussurrada de volta — de lá —

e por quê? — Pensaram nisso? — Por que  
afinal vocês viraram mortos? — E como  
não se cuidaram? — Não se cuidaram como nós —  
e por que se foram, e pegaram essa doença que em vocês  
se aferra? — E para a guerra,

*por que foram para a guerra? —  
e para as ondas —  
e para a navalha —*

*e como é que vocês  
estão mortos, e nós  
conseguimos  
ficar vivos? — Pensaram alguma vez  
no que isso quer dizer? — Que talvez não por acaso  
vocês estão aí  
e nós aqui? — E que talvez vocês  
tenham feito algo  
para estarem a-a-assim?  
Querem saber? Nós nem  
queremos nos atribular  
com tais pensamentos! — Sequer queremos  
pensar em vocês! — Já pensamos demais  
em vocês! — Já pensamos demais  
em geral! — Antes de isso me acontecer  
eu nem sabia que existiam  
tantos pensamentos! — Ahhh,  
quantos anos, meu Deus — quantas lágrimas —  
então peguem — peguem — peguem o pacote  
de seus ossos — e saiam — saiam de nossa  
vida — ouviram? da v-v-vida! —  
Vocês,  
vocês aí —  
tomara  
que morram!*

MULHER NO ALTO DO CAMPANÁRIO:

*Caiu  
o silêncio.  
A cidade  
distante emudeceu.  
Como se também  
lá  
deixassem  
de respirar.*

O CAMINHANTE: Mas quem sou eu?

SAPATEIRO: Quem é você?

O CAMINHANTE: Acho que eu estava procurando alguma coisa aqui.

MULHER NO ALTO DO CAMPANÁRIO:

E ele foi —  
e ele voltou,  
e parou, e buscou  
nos seus rostos  
o que  
tinha perdido —  
e andou  
em círculos  
em volta deles  
e de repente —  
caiu.

O CAMINHANTE: Quem sou eu?

VELHO PROFESSOR DE MATEMÁTICA: *Pardon*, meu senhor, por acaso o senhor lembra quem sou eu?

SAPATEIRO: Diga, senhora, talvez a senhora se lembre —

PARTEIRA: Havia um bebê, e mais um bebê, e mais... todos saíram de mim?

MULHER DENTRO DA REDE: Havia uma casa, havia roupas —

DUQUE: Eu brincava com cavalos... cavaleiros —

MULHER DO ANOTADOR DOS ANAIS DA CIDADE: E você, meu senhor, quem é você?

ANOTADOR DOS ANAIS DA CIDADE: Eu? Eu não... desculpe, senhora, eu não me conheço.

O CAMINHANTE: Quem sou eu?

MULHER NO ALTO DO CAMPANÁRIO (*cantando baixinho*):

Quando eu lhe disser sim,

abraçe  
o não,  
e abraçe o que é  
nele ausente, e anuncia  
sua completude  
vazia —

(silêncio)

MULHER NO ALTO DO CAMPANÁRIO:

Lá você não está  
mais só,  
não está só,  
e lá não é  
um só,  
e nun  
ca mais será só  
um —

(silêncio)

O CAMINHANTE:

Lá  
eu toco  
nele?  
Bem dentro  
dele?  
No fundo dele?

MULHER NO ALTO DO CAMPANÁRIO:

E ele,  
ele também  
tocará  
em você de lá  
e seu toque —

O CAMINHANTE:

Toque como tal,  
mortal, não me tocou mais  
ninguém

jamais.

MULHER DENTRO DA REDE:

Duas migalhas de gente  
nós fomos,  
um me  
nino e  
sua  
mãe —

O CAMINHANTE:

O que devo fazer ainda? Meus pés  
quase não  
me carregam, e o fio de minha vida  
está cada vez mais fino, mais um instante  
não mais será. Você tinha razão,  
mulher, mais razão do que eu —  
não existe *lá*, não existe  
*lá*,  
e mesmo se por toda minha vida  
eu for para *lá*  
não chegarei *lá*, não chegarei  
vivo. Veja,  
passaram-se tantos dias  
desde que deixei a casa,  
e em vão, e sem propósito, só restou  
em mim como uma praga o desejo  
de andar mais,  
andar —

MULHER NO ALTO DO CAMPANÁRIO:

Triste razão aquela  
que tive mais do que você;  
e você foi mais sábio do que eu,  
ousando mil vezes mais —  
levante-se,  
vá e se pareça  
com ele em tudo que pode  
um vivente se parecer  
com um morto — sem morrer.

Conceba-o, mas também  
o mate, quase.  
Seja como ele, como a morte dele,  
mas só até  
que a sombra de seu fenecer  
cubra a sombra da sombra  
de você ser —  
e lá, meu amado,  
entre as sombras  
do além,  
entre filho e pai,  
virá  
o descanso  
dele  
e o seu também.

DUQUE:

Ouçã o que ela diz, meu senhor  
(súdito meu  
que a ninguém  
se submeteu), preste atenção:  
sã críveis as feridas da mulher  
que ama. Faça isso, senã —  
estará me condenando, condenando  
a todos nós,  
e de novo ão seremos — nós,  
toda a caravana — senã  
um breve intervalo da morte,  
só uma marca tênue, confusa,  
no bloco de rocha  
obtusa, de cujo corpo  
alguma vez nos fez surgir,  
como um sinal, um escultor sensato  
mas ão ousado,  
e se ousado, ão genial,  
e mesmo se genial, certamente ão  
piedoso —  
vá,  
inverta a roda do tempo,  
conceba-o e com ele

morra, e nasça de dentro  
da morte dele —

O CAMINHANTE:

Só o desejo não se apaga  
em mim, como uma praga,  
como uma chaga —  
caminhar, caminhar mais,  
e mais —  
talvez  
em alguma última fronteira  
que minha razão não  
alcança, eu possa me curvar  
e deixar  
essa carga pesada, e então  
andar para trás um passo,  
não mais, uma passada  
pequena que abrange o mundo,  
aceitação  
e constatação: eu  
estou aqui,  
e ele está  
lá,  
e a fronteira não desaparecerá  
entre aqui e lá.  
E assim ficar, e divagar,  
e devagar  
saber,  
e todo eu me impregnar  
da ideia  
como o sangue emana  
da ferida:  
que assim é a humana  
vida.

OS CAMINHANTES:

*E nesse instante, com essas  
palavras, o mundo  
escureceu: uma sombra  
sobre nós desceu*

num golpe,  
uma muralha.  
Uma muralha bloqueia  
nossa estrada. Parede  
de rocha poderosa  
divide, fende  
o mundo. Muralha. Ela  
aqui não estava antes,  
não estava! Mil  
vezes circundamos  
a cidade, subimos e descemos  
essas colinas, até nelas conhecermos  
cada pedra e falha  
na rocha, e de repente  
uma muralha.

Talvez não tenhamos percebido?  
Talvez em pleno sono  
passamos por ela? Ela não estava  
aqui! Então como?  
Do céu? Como surgiu assim  
do solo?  
Agora está aqui, está aqui,  
e talvez —  
pode ser? É possível? Mas não,  
meus senhores, não, a ciência  
não ratifica tal premissa! Mas  
talvez sim a saudade? Talvez  
a ratifique  
o desespero?

O frio  
súbito se espalha  
nos membros. Uma sombra  
gelada cai sobre nós,  
como um machado destroça  
nosso mundo,  
como então,  
é verdade, como na hora  
da calamidade —

*e ele,  
um só,  
que anda,  
só ele, se aproxima  
da muralha. Passo  
a passo, assustado, lasso,  
as pernas batidas, fracasso,  
avança e falha,  
e lhe volta as costas —*

MULHER DENTRO DA REDE: Basta! Vou voltar.

DUQUE: Mas ainda não chegamos... Quem sabe *lá* na verdade é bem aqui, minha senhora, atrás dessa muralha?

MULHER DENTRO DA REDE: Ouça o que eu digo, duque, mais longe não chegaremos vivos.

DUQUE: Por favor, não vá.

MULHER DENTRO DA REDE: Deixe-me entender, duque, você me pede ficar?

DUQUE: Quando você está aqui, eu não tenho medo...

MULHER DENTRO DA REDE: Dê-me a mão, meu duque.

OS CAMINHANTES:

*E ele, diante da muralha, a cabeça  
inclinada, escuta,  
ele espera  
por uma resposta, para onde, para onde  
irá, para onde iremos, ao longo  
da muralha? Ou só ficaremos  
aqui,  
esperando?  
Por quem? Pelo quê?  
E até quando?*

*E como sempre lhe acontece, já sabíamos,*

*as pernas. Um leve tremor  
lhe sobe das pernas, o corpo  
se contrai, a cabeça lentamente se ergue  
e se apruma, ele anda. Ele  
vai. Isso é bom, assim  
é bom, tudo desperta  
para a vida junto  
com ele, a perna se ergue  
e abaixa, um passo mais  
e mais  
um passo, ele anda,  
anda e pisa, pisa  
e calca, ele anda  
no mesmo lugar —  
no mesmo lugar?! Juro, ele anda  
no mesmo lugar, um passo, outro  
passo, outro passo, seus olhos  
no muro, anda sem  
andar, anda a esmo  
e sonha, consigo  
mesmo ele  
anda, dele  
para ele mesmo —*

O CAMINHANTE:

Vou cair  
agora vou cair —  
e não caio.  
Eis que agora  
o coração vai parar —  
e não para —

ANOTADOR DOS ANAIS DA CIDADE:

Eis a sombra fina  
e rala da neblina,  
e o frio  
sobe  
da escura ravina —  
agora,  
agora cairei —

OS CAMINHANTES:

*E não  
cai  
e não  
para, anda, caminha junto à muralha, um passo  
mais um passo, mais um passo, passa  
uma hora, mais uma hora, o sol  
se põe e o sol se levanta, grande é a fraqueza  
nos membros. As sombras de nossos corpos são tragadas  
no escuro, andamos, andamos  
para lá —*

*E às vezes parece  
que algo nela se move, na muralha,  
e respira. Nós, em nossa andança  
nada dizemos. Mais do que tudo  
temos medo  
da esperança. No que nos espera além  
da muralha não ousamos pensar. Na hora  
da aurora, também no crepúsculo, nossos corpos  
se distendem, nos tornamos como gigantes  
muito finos, como sombras. E às vezes  
dentro de nós paira um corpúsculo  
dourado, se apavora com este e salta  
para aquele, e também sobre isso não  
falamos. Andamos. Angustiadados. Adiante,  
num calo da rocha, uma aranha tece  
teias, estende sua rede, transparente  
e tensa —  
e nela faz um nicho de repente  
e nele se recolhe,  
imensa —*

*Nossos rostos  
se bloqueiam, nossos pés  
golpeiam, pisoteiam a terra,  
a terra, também uma muralha  
encerra. Talvez  
o céu também, lá em cima. Andar,*

andar ainda, o tempo todo  
andar para não sermos esmagados  
entre as muralhas. Um passo, mais  
um passo, um passo mais, nossos olhos  
embaçados enxergam só  
corcovas de pedra  
rochificada, cicatrizes  
de um marrom cinzento,  
e a fina rede de uma aranha  
a oscilar  
ao sopro do vento —

A luz do poente cai sobre a muralha. Por um instante  
ela quase é atraente. A luz  
é cálida, condolente. Desde o dia em que minha filha  
se afogou, eu junto  
todo instante de beleza  
e caridade, para ela. E eu,  
meus amigos,  
desde então,  
olho cada coisa  
bela  
duas vezes. Ah, juro,  
duque, que também eu  
como você sou só um toco, só que eu  
não tenho as palavras que você tem  
da educação. Mas minha senhora  
na rede, você me emociona  
tanto toda vez que  
fala de seu filho. Bem, meu duque,  
é porque magicamente, de repente,  
de minha boca saem os poemas. Também comigo  
é assim, minha senhora. Quando os escuto  
sei também: a poesia  
é a língua  
de meu luto.

Olhem —  
lá — na folha verde. É um milagre ter conseguido  
germinar aqui e restar, na rocha

nua e árida. Uma mosca  
pousa na folha, limpa  
seu corpo, se esfrega, faz brilhar  
suas asas transparentes —

Andamos, tensos, olhamos  
a mosca como uma charada —  
vigorosa, cheia de vida, entusiasmada  
ela paira,  
de novo pousa, estabanada, mas  
que se cuide, certo,  
que se proteja daquela, ali  
na teia,  
que talvez até mesmo  
se prepara para  
um rendez-vous convosco,  
senhora mosca? Ou ela é...  
Boboca!  
Não —  
ela tocou,  
a mosca,  
com a ponta da asa na teia,  
está perdida —

Eis a tragédia, nós o sabemos, logo  
sabemos, eis  
a tragédia, seus dedos frios  
em nossos lábios,  
andamos rápido, andamos  
forte, fios  
se enredam, e ela  
luta, tenta  
voar, e zumbe  
até que o céu  
quase se rasga, e sua boca  
se abre por completo,  
o que quer dizer? O que  
aprendeu agora que não  
sabia desde o momento  
em que nasceu inseto?

*E um ou dois dias depois,  
no entardecer, num meio-sono  
constatamos que nosso passo  
mudou. Andamos, marchamos  
rápido, a pele  
se arrepia, que coisa é essa? A terra, parece,  
está mais macia? Se abrindo  
em sulcos e crateras?  
Os pés  
o entendem antes de nós, pisam  
na terra, se afundam, colunas  
de poeira sobem, as costas se empertigam, os olhos  
brilham — — —*

*Cada um de nós cai de joelhos, baixa  
à terra, e nela cava com as mãos  
e com os pés, unhas também. Cavamos  
depressa, como animais,  
e ela freme a esse contato  
de nossas mãos. E de repente elas são leves,  
flexíveis, os dedos  
revolvendo, cava o corpo e a alma inteira  
e se empoeira —*

ANOTADOR DOS ANAIS DA CIDADE:

Minha mulher,  
ela também.  
Sua espádua bela,  
se mexe, flutua.  
No corpo dela,  
de dor pesado, se modela  
leve e singela  
uma figura, que se esgueira  
como mariposa  
na janela... Por um momento  
se detém. Com a mão enxuga a testa.  
Ponho minh'alma em minha  
mão e sorrio  
para ela. Sorri. Mexo

para cima e para baixo  
as duas sobranceiras. Sorri  
ainda. Volto  
a cavar. Meu coração,  
meu coração.

OS CAMINHANTES:

*A terra se encurva e se afunda  
para nós, como se  
esperasse há muito tempo ser cavada, que assim  
cavassem, que nela  
cavassem pessoas  
como nós — finalmente  
nos tornamos úteis — e também sentimos  
o quanto ela quer, a terra,  
que rolemos nela, rejubilemos  
nela, que riamos  
para dentro dela — só lágrimas  
e sangue e suor  
derramamos sempre dentro dela. Quando,  
diga, quando foi que um homem  
riu para  
dentro  
da terra?*

*A sombra  
da muralha vai  
se alongando sobre nós. É dura  
e fria a sombra, dentes de ferro  
são as sombras que nos rasgam,  
e nos atiramos mais ainda  
para dentro da terra, a revolvemos,  
absorvemos seu calor  
e seu alento, e ela — é a mãe  
de tudo que vive, e por isso  
também a mãe de todo morto, enlutada-viva,  
cálida e palpitante em nossas mãos, como a  
nos implorar que continuemos,  
só  
para mais e mais extrair*

*de seu útero a alegria da juventude  
que nela se enterrou, a doçura da infância  
que nela se tornou  
pó —*

CENTAURO:

*E eu também, na prisão  
de meu quarto, na mesa  
de meu corpo maldito, finalmente  
escrevi. Como dedos  
em terra fofa  
escrevi  
a história —*

OS CAMINHANTES:

*O dia se extingue,  
ante a muralha nos deitamos  
entre as covas  
profundas — as cicatrizes,  
as marcas que nela deixamos,  
na terra. De tempo em tempo se nos esvai  
um apressado e trêmulo olhar  
para dentro delas —  
e o olho  
logo se retrai.*

*E ele, o caminhante, se ergue  
do pó e nos contempla, como só  
agora, pela primeira vez, para nós  
se abrissem seus olhos, azuis, cheios de luz,  
e bons. E sorri com afeto  
para cada um  
de nós, e se parece  
também com esse  
que cada um de nós  
carrega  
dentro de si.*

*E só com os lábios, calado  
ele murmura:  
obrigado.*

*E depois ele vai, e uma após uma  
ele tira suas roupas, e eis que está  
nu. Tão branco, tão singelo  
seu corpo, tão  
humano e belo.*

*E desce  
ao buraco  
que cavou, e deita  
de costas, os braços  
frouxos, largados,  
os olhos  
fechados.*

*Nós nos levantamos,  
ficamos de pé. Chegou  
a hora, e de repente  
é urgente: o sapateiro  
e sua mulher ajudam  
o velho professor  
a descalçar seus sapatos.*

*A mulher dentro  
das redes e seu amigo  
duque desfazem,  
mão na mão, os dedos  
ágeis — ela por dentro,  
ele por fora — o emaranhado  
que envolve o corpo dela. E o anotador  
dos anais e sua mulher se ajudam  
um ao outro, calados, a tirar  
seus trajes rasgados, os dois  
emocionados,  
empolgados, e de repente  
eles parecem  
tão jovens e revigorados.*

*E assim ressurgimos  
despidos,  
e nos despedimos  
um do outro com um olhar. E de novo*

*cada um  
de nós  
está só.  
E cada um se estende  
em sua vala funda,  
e cada um  
desce  
a sua tumba.*

*Então,  
como um predador  
ligeiro e de surpresa  
a noite  
abocanha sua presa.*

CENTAURO:  
Só agora eu atento.  
Não é seu filho que o pai  
incita, não é meu filho  
que eu alento  
assim, e faço estremecer. A mim mesmo  
eu satisfaço  
com palavras, fantasias,  
com espantalhos,  
figuras  
coladas com palha  
e barro, com o bom senso de um coitado —  
para não acabar, petrificado.  
Para eu não acabar  
petrificado.

É minha alma que é  
ceifada  
na brancura fria entre palavra  
e palavra. Sou  
eu  
que me debato como uma presa  
na garganta  
do absoluto.

Por mim mesmo,  
só por minh'alma luto  
aqui com o que aniquila,  
com o que obscurece  
e amesquinha.

Toda a minha vida  
agora,  
minha vida plena  
está na ponta  
desta pena.

O CAMINHANTE:

Faz-se  
silêncio.  
Deito-me  
na prisão  
da solidão:  
tristeza  
de um homem  
na terra.

Das lonjuras rolam  
as vozes tranquilas da noite, nuvens  
pesadas e baixas sobre mim  
sopram, ocultando como um véu  
a visão do céu. As paredes  
da cova se acercam, se fecham  
sobre mim. A terra estuda, sente,  
mede, interpela,  
avalia: como  
me digerir  
dentro dela.

MULHER DO ANOTADOR DOS ANAIS DA CIDADE:

Seremos castigados. Tremo  
de frio e de medo. Penso:  
é proibido  
que pessoas façam  
uma coisa dessas. Penso  
nesse meu bobo querido,

infeliz, deitado  
tão perto de mim nessa cama  
de terra. E o tempo todo sinto  
sangue,  
de mim  
pinga o sangue, escorre  
para dentro da terra, chega  
até ele e penetra  
em suas artérias, e volta  
a mim e se enraíza, é o nosso sangue, pois,  
e agora o sangue dela, e é a nós dois  
a quem se aferra,  
de novo pais,  
a concebemos  
de sangue e terra.  
E fico tonta  
e adormecida, e é fácil  
de repente, como se o tempo também soltasse  
sua mordida. Respiro. Lenta  
e lentamente respiro. Não  
respirava assim  
desde então. Assim não respirei  
jamais. Minha alma é aspirada  
e volta como numa dança  
delicada —

O CAMINHANTE:

Despertei depois  
de sonhos confusos  
que não lembrei.  
O céu se fez  
transparente, e a muralha foi  
alçada, até parti-lo em dois.  
Não ouço meus vizinhos  
na terra, e não sei  
se estão aqui,  
ou se fugiram. Eu tenho  
frio, mas as pontas  
de meus dedos murmuram e ardem;  
e-u não se-rei

al-gum dia,  
não se-rei!  
E desse não-serei de repente  
me vem o sabor  
de eu ser. Sei  
quão muito  
eu fui  
em minha vida, até a ponta  
dos dedos  
eu sei.  
É maravilhoso  
sabê-lo, lembrar:  
quão muito  
eu fui,  
e quão  
muito  
não serei.

ANOTADOR DOS ANAIS DA CIDADE:

Tomara esquecesse seu nome,  
minha filha, a melodia de seu nome  
em minha boca, a doçura que então se espalhava  
em todo o meu corpo.

Você era tão pequenina,  
mas há tanta coisa sua a relegar no olvido,  
e não querer nada que você  
tenha tido,  
nem mesmo você,  
quem quer tenha sido.

DUQUE: Quem está aí? Acho que reconheci a voz de meu bobo.

ANOTADOR DOS ANAIS DA CIDADE: Sim, duque, é este seu servo.

DUQUE: Meu dileto amigo.

ANOTADOR DOS ANAIS DA CIDADE: Muito tempo passou desde então.

DUQUE: Mais de treze anos, desde que você se condenou a esse terrível exílio. Agora fale-me de sua

filha.

ANOTADOR DOS ANAIS DA CIDADE: Não posso, senhor. No dia em que aconteceu a tragédia me ordenastes que a esquecesse.

DUQUE: Meu querido amigo, quem mais do que você sabe que tal ordem não poderia sequer ser cogitada por mim. Conte-me sobre ela.

ANOTADOR DOS ANAIS DA CIDADE: Não, não, duque, não posso. Para mim vossa ordem ainda está em vigor!

DUQUE: Então, seu tolo, eu lhe ordeno: *Esqueça-a para mim!*

ANOTADOR DOS ANAIS DA CIDADE:

Esqueço seu cabelo curto e fino.

Esqueço seus dedos róseos, transparentes.

Esqueço que era minha filha mimada e delicada.

Esqueço-me de como ela — —

de como você

se zangava quando eu esquecia e, no prato,

não separava a omelete da salada.

Quando na banheira eu a lavava,

você ria batendo com as mãos na água,

de onde eu a tirava, e embrulhava

seu corpo na toalha macia, e perguntava: que criatura

estranha é esta

que está aqui dentro?

CENTAURO: Meu amigo anotador dos anais fala e fala. Uma fonte de esquecimentos irrompe dele. De minha janela olho para o horizonte. Entre duas colinas vejo a grande e vazia planície onde as covas foram cavadas. No ar, estilhaços de gotas brilham à luz das estrelas. Uma árvore solitária, gigantesca e frondosa, lentamente oscila ao vento, como acenando boas-vindas ou uma despedida.

E então de repente um vulto se move na planície. É uma mulher, que se livra e sai de dentro da terra. Caminha alguns passos, devagar, pesadamente. Para, envolve a si mesma nos braços. Sua cabeça curva-se um pouco.

MULHER DO ANOTADOR DOS ANAIS DA CIDADE:

Quem a sustentará,

quem a abraçará,

senão nós dois  
com nossos corpos  
a envolver  
sua plenitude  
vazia?

CENTAURO: Ela olha em volta, contempla longamente a muralha, então desce e é engolida pela terra, na cova vizinha. Ao cabo de um minuto ou dois vislumbro um caderninho sendo jogado com ímpeto de lá, esvoaçando por um instante no ar, se abrindo e fazendo brilhar no escuro suas páginas brancas, e se apagando.

O CAMINHANTE:

Penso nos filhos —  
da-terra a meu lado. Penso  
em meu filho. A terra  
com meu corpo se aqueceu.  
Meu coração lhe fala, e sou eu.  
Pelo menos nos separamos sem raiva —  
eu lhe digo,  
e sem ressentimento.  
Você nos amava, e era amado  
e sabia  
que era amado.  
As estrelas cintilam  
sobre mim. Eu lhe digo, será  
que posso fazer um pedido?  
Quero aprender a separar  
a lembrança  
da dor. Ao menos parte dela,  
o que puder, para que nem todo o passado  
esteja tão impregnado de dor.  
Assim também poderei me lembrar mais de você,  
você compreende: sem temer que a cada vez  
a lembrança me queime.  
E digo também — preciso me separar  
de você.  
Não me entenda mal (sinto  
em minha própria carne  
a dor pungente que ele sente)— me separar  
só até uma distância

para que o peito possa se expandir  
numa só  
respiração  
completa.

E sorrio, ao lembrar que isso foi  
o que pediu também o velho professor. E o mar do céu  
freme, como um sorriso emerge  
lá, lá em cima. Alguém  
talvez me entendeu, ou me  
sentiu.

Respiro, a totalidade da noite  
inspiro. O céu não  
me pesa, tampouco  
a terra, nem mesmo  
eu. E nem  
você.

Você —  
onde está  
você?

MULHER DO ANOTADOR DOS ANAIS DA CIDADE:

Talvez eu não precise mais chegar  
ao fim dos  
caminhos, à última pousada?  
Talvez seja a própria caminhada  
a solução e a charada?  
Talvez não exista “lá”,  
minha filha, talvez também já não exista  
“você”?

Mas enquanto estou assim prostrada, no ventre  
da terra, e minhas mágoas por breve instante  
se aliviam, de repente eu sinto  
e sei que vida e morte, elas mesmas,  
lentamente em mim  
se igualam, numa mescla que mais amena  
é impossível (ai, como pode sair de minha boca  
fala tão terrível?!),  
até que como a noite  
e o dia, ou como

o inverno e o verão  
que em algum dia são iguais, elas  
se dissolvem em mim, com sensatez e precisão medida,  
que adquiriram, ai meu Deus, ao preço  
da tua vida —  
Não, não!  
amarga e repulsiva  
transação,  
mas assim mesmo,  
deixe-me dizer, senão  
eu enlouqueço — agora, pela primeira vez  
eu sei não só que gosto tem  
a morte,  
mas o que é a vida,  
e ainda mais que isso  
eu vejo —

ANOTADOR DOS ANAIS DA CIDADE:

— como se postam  
vida e morte e se defrontam.  
Como sussurram  
uma à outra.  
Como se  
tocam, como  
se entrelaçam  
uma na outra  
na raiz de sua nudez.  
Como sem pausa elas vertem  
e derramam  
de uma a outra, de uma  
para a outra, como um casal,  
como dois  
apaixonados,  
a seiva  
de seu ser.

MULHER DO ANOTADOR DOS ANAIS DA CIDADE:

Estão uma na outra dissolvidas,  
e também eu agora,  
como um rio

em que se despejou um par  
de riachos,  
e eu não sabia disso, não assim,  
que a vida, em sua essência inteira,  
*é só*  
um nome, na linha  
da fronteira —  
e é como se eu nunca tivesse  
existido, e como se nada  
do que me aconteceu  
jamais tivesse acontecido, até  
que você, ou eu,  
até que morri, ou  
morreu —

OS CAMINHANTES:

*Amanheceu. No céu  
navegam nuvens finas  
e vermelhas.  
Subimos das covas devagar, ficamos  
nus  
ante a muralha.  
E de novo nos parece  
que ela estremece, um frêmito que passa  
e repassa de alto a baixo  
e de um extremo ao outro,  
como o tremor de uma onda transparente.  
E não conseguimos falar, está cortado  
nosso alento, um muro  
de rocha mas tão cheio  
de murmúrio.*

PARTEIRA:

Um rosto —

MULHER DO ANOTADOR DOS ANAIS DA CIDADE:

Ali,  
na muralha,  
nas pedras,  
eu vejo

um rosto —

ANOTADOR DOS ANAIS DA CIDADE:

Não, querida,  
*vê, bem aqui, aqui*  
está o rosto, o corpo  
quente  
e vivo,  
ao passo que lá —  
lá o que há  
*é uma ilusão*  
que só cria nostalgia.

MULHER DO ANOTADOR DOS ANAIS DA CIDADE:

Um rosto de mulher  
jovem,  
ou de um homem,  
ou de um rapaz —

DUQUE:

E ele  
se move  
e varia  
e vive.

PARTEIRA:

Estou sonhando,  
certamente  
estou sonhando,  
meu Deus, é um rapaz ali? Ou  
um menino?  
Ou talvez, sim,  
*uma menina?*  
Menina, me-ni-na,  
olhe por favor  
para mim...

SAPATEIRO:

Como que em cera  
estampado,

ou como  
em couro.

VELHO PROFESSOR DE MATEMÁTICA:

Ou em devaneio,  
ou mesmo em sonho, não —  
não, eu não  
me engano, o  
que eu vejo é um rosto  
humano.

OS CAMINHANTES:

*Um menino, vemos  
um rosto de menino, num relance,  
indícios de sua testa, seu queixo fino... trememos,  
o menino também  
estremece. Em ondas,  
figuras fragmentadas fluem  
nas pedras,  
vivificando nelas um relevo  
sussurrante  
e se movendo —*

ANOTADOR DOS ANAIS DA CIDADE:

Ou é só impressão  
de um anelante coração  
enlouquecendo?

OS CAMINHANTES:

*Será somente um leve inchar  
na rocha,  
ou é o nariz  
pequenino  
de um menino?  
E sua boca,  
estará se abrindo, ou se curvou  
como em caretas? Ou é fragmento  
de rocha entre suas gretas?*

*Menina? Foi uma menina*

*que lhe surgiu em cima, e já  
não está? E voltará?*

*O cintilar*

*de uma menina flutua, recua, como  
se se chocasse, a pequenina,  
nos portais da realidade  
e se assustasse...*

*E ela ainda se evapora, e a nossos olhos agora  
o rosto do menino muda, transformado  
no rosto de um rapaz, alongado,  
fino e delicado.*

*E seu perfil  
lentamente  
se volta para nós,  
com um espanto  
que não tem  
fim.*

*E ele nos  
encara, seus dois  
sobrolhos  
são suaves arcos  
no muro. Cada um de seus  
olhos  
é um orifício  
escuro.*

ANOTADOR DOS ANAIS DA CIDADE:

*Estão enlouquecendo  
pouco a pouco. Atenção, amigos,  
vejam: é uma muralha!*

*Blocos de pedra! E os rostos  
que seus olhos veem  
não passam de efeitos de luz,  
meros jogos  
de pedras  
e sombras —*

OS CAMINHANTES:

*Mas são tão cheios*

*de vida! Neles  
perpassam lampejos  
de um sorriso, espantos,  
tristezas, como se,  
tão carentes,  
tão descrentes, estes rostos quisessem  
experimentar uma vez mais,  
a última,  
todas as expressões,  
e também provar  
dessa maneira  
a plenitude do sabor  
das emoções  
que lhes roubaram.  
Em nós os corações  
batem: nossas almas  
se debatem, suspirando  
por sair, de sua prisão  
se livrar, passar  
deste lugar  
para o de lá... Estão tomadas  
de loucura: nossas almas  
são como garças e cegonhas  
engaioladas, enquanto passa  
no céu límpido  
um bando de aves,  
migrando para casa.*

ANOTADOR DOS ANAIS DA CIDADE:

Esta é a ânsia, não tenho dúvida, é  
esta ânsia que também minha razão  
cada vez mais avassala, ouçam-me,  
me ouçam — é a ânsia  
e só ela que na pedra entalha  
vivos nossos amados,  
iluminados, sim, lá,  
vejam, lá! Nos relevos  
da pedra.

OS CAMINHANTES:

*E mais do que tudo, as bocas.*

*Se mexendo, se mexendo sem parar, escancaradas,  
se rasgando, distorcidas,  
e arredondando... talvez  
rezando?*

*Para quem?*

*Amaldiçoando?*

*Quem?*

CENTAURO: Com todos os demônios, se eu apenas pudesse estar com eles! Se eu pudesse só estar lá, e não sentado aqui e escrevendo e escrevendo! Eu arremeteria de cabeça e romperia a muralha, eu a atravessaria e correria para dentro, eu —

OS CAMINHANTES:

*E os corpos deles também  
arremetem, investindo de lá  
sobre a muralha: Lutam? Com quem?  
Com o quê? Combatem com toda a força  
para de novo irromper  
para cá?*

ANOTADOR DOS ANAIS DA CIDADE:

*Ou fazem como um menino  
pequeno, que só agora acordou  
de seu sono e ainda  
confuso e envolto em seu sonho golpeia  
o peito da mãe, e se enlaça,  
e golpeia, e golpeia  
e a abraça...*

OS CAMINHANTES:

*Vimos um braço, um ombro  
fino e magro, um joelho, e outro,  
e dois botões  
brotaram, se altearam,  
seios de garotinha,  
apontando. E acima deles o seu rosto,  
que devagar se transformou  
num rosto sorridente de rapaz, e o par  
de seios se fez os rostos*

*de bebês, menina  
e menino... Longas  
mãos ali pousaram, dez  
finos dedos se espalharam  
como grinalda, em volta  
do rosto do rapaz.  
Seu nariz, assim parece,  
se espreme  
na escuridão de uma vidraça de janela,  
tentando penetrar  
com o olhar na espessidão  
do escuro.*

*Está tentando? Será que tenta  
nos chamar? Ou prevenir?  
Talvez de lá pareçamos  
nós também apenas traços  
tênuos, lutando  
para nos livrar do sólido bloco  
de rocha —*

*Medo,  
o medo nos assola. Breve tudo  
se evapora, agora, correr agora, colar  
o rosto na muralha, rompê-la,  
de lá puxá-los,  
arrancá-los.*

*Mas congelamos, não  
nos movemos! Se falarmos  
com eles, pensamos, nós lhes  
diremos o que não dissemos  
em suas vidas, ou clamaremos  
a eles por entre as bordas  
do buraco em nós  
rasgado, pelo qual  
nossa vida se esvai  
em grandes golfadas.*

CENTAURO: O caminhante caiu de repente de joelhos diante da muralha e sussurra o nome de seu

filho. Não há som algum em seu sussurro, só uma boca aberta e olhos arregalados, e eu, em meu quarto distante, sinto como uma lâmina afiada voa de lá e me corta aqui em dois, e no desfalecer de uma dor tão doce ouço atrás de mim, de uma pilha de objetos, a voz de um menino dizer baixinho, num suave balbucio —

MENINO:

Tem  
alento, tem  
alento, dentro  
da dor tem  
alento.

CENTAURO: Eu me levanto, fico de pé. Caminho pelo quarto para cá e para lá, levanto um ou outro objeto e toco nele, e o acaricio e o levo a meus lábios. Depois volto e fico junto à janela. Com o binóculo que encontro em uma das pilhas posso ver melhor: o balbucio do caminhante parece ter retardado também os que caminhavam atrás dele. Assim como ele, caem de joelhos a parteira e o sapateiro, o velho professor, a cerzidora de redes e o duque, o anotador dos anais da cidade e sua mulher. E cada um deles, cada um de nós, chama, sussurra para seu filho:

OS CAMINHANTES:

*Lili —  
Adam? Minha  
pequena Lili — Michael — ah, meu filho,  
meu encanto, minha perda — Chana,  
Chana, olhe para cá — perdoe, Michael,  
por eu lhe ter  
batido — Adam, é seu  
pai — U-i — minha migalha  
de vida — — —*

*Despertamos  
estendidos sobre  
a terra,  
e a muralha  
já não está lá. Talvez  
jamais tenha  
existido. Talvez nada  
de tudo que vimos  
tenha mesmo acontecido.*

Foi só uma ideia  
estranha, oculta  
e comezinha, que  
nos ocorreu a todos, como a  
costurar cada um de nós  
com a mesma linha:  
talvez no momento  
em que o homem  
se pôs de pé  
na pequena cozinha  
e disse  
para a mulher, eu  
preciso  
ir para lá —  
talvez nesse momento  
moveu-se  
alguma coisa também  
lá.  
E quando o homem  
começou  
a andar  
em torno de si mesmo  
em círculos  
em volta de sua casa — também  
eles, lá,  
começaram  
a andar  
para cá,  
para o lugar  
do encontro?

E agora  
imaginamos a todos  
um pouco encurvados,  
se apagando,  
voltando  
lentamente  
ao seu lugar.

E ele-mesmo  
está morto,  
eu entendo, quase,  
o significado desses  
sons: o menino está  
morto,  
eu reconheço assim  
nessas palavras a verdade  
sem conforto. Ele está morto.  
Ele  
está morto. Mas  
sua morte

sua morte  
não morreu.

CENTAURO:

Mas meu coração se dilacera  
em mim, querido meu,  
quando penso  
que eu —  
que isso é possível —  
que encontrei  
para isso  
palavras.

*Abril de 2009 — maio de 2011*

# Notas a esta edição

Adam, em hebraico, “ser humano”, “gente”, corresponde, em português, a Adão, o primeiro ser humano.

“*Minha vida, que amava o sol e a lua, parece algo que não aconteceu*” foi extraído do poema “*A clown’s smirk in the skull of a baboon*”, de e. e. cummings.

Importante e intraduzível (e inadaptável) construção: *li*, em hebraico, significa “para mim”, e por extensão, “meu/minha”. Na pronúncia tartamuda do nome da filha li-li-li-Lili, se está dizendo “pai e mãe meus” e também “minha Lili”. O tradutor tentou “compensar” a perda na estrofe seguinte.

Verso de *Orfeu. Eurídice. Hermes* (“*Wie eine Frucht von Süßigkeit und Dunkel*”), de Rainer Maria Rilke, tradução de José Paulo Paes. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Título original*  
Nofel mi-jutz la-zman

*Capa*  
warrakloureiro

*Imagem de capa*  
Peter Marlow/ Magnum Photos/ Latinstock

*Preparação*  
Ana Cecília Agua de Melo

*Revisão*  
Ana Maria Barbosa  
Mariana Zanini

ISBN 978-85-8086-361-1

Todos os direitos desta edição reservados à  
EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32  
04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)